36 · 10 OUTUBRO 1983

A ESNOGA

A Primeira Presidência
Spencer W. Kimball
Marion G. Romney
Gordon B. Hinckley

Conselho dos Doze:
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Howard W. Hunter
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
Neal A. Maxwell

Comitê de Supervisão:
M. Russel Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles Didier
George P. Lee

Executivo do "International Magazine":
M. Russel Ballard, Editor;
Larry A. Hiller, Editor Gerente;
David Mitchell, Editor Associado;
Bonnie Saunders, Seção Infantil;
Roger Gylling, Desenhista.

Executivo de A Liahona:
José Maria Carleto, Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado, Editor;
Victor Hugo da C. Pires, Assinaturas;
Orlando Albuquerque, Supervisor de Produção.

OUTUBRO DE 1983
PBMA0620PO
S. PAULO - BRASIL

A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

HISTÓRIAS E DESTAQUES

— Mensagem da Primeira Presidência: **Compromisso e Dedicação,** Presidente Marion G. Romney
— **O valor de Uma Alma,** Joseph B. Wirthlin
— **O que Fez um Mestre Familiar**
— **Como Ele É Agora,** Yvette Tracy
— **Seis Dias Depois do Batismo,** Carolyn Thompson
— **Perguntas e Respostas,** Russel M. Nelson
— **Estamos Contentes de Termos Cumprido Missão,** Samuella R. Hawkins
— **A Lâmpada do Senhor,** Élder Boyd K. Packer
— **Tudo Começou "No Longinquo Oeste",** Philippe Benarous
— **Rastros de Urso,** Élder Dean L. Larsen
— **O Dilúvio Segundo os Índios Andinos,** Kirk Magleby
— **Mormonismo: Mexerico**

SEÇÃO INFANTIL

De Um Amigo Para Outro, Dwan J. YOUNG
Por que Temos o Domingo de Jejum?, Sally Gunnel
O Amor do Mestre, Scott Greer
Amarrados
Pescaria no Gelo, Ruth Schiefen

Capa: Na primeira capa, o edifício do Assembly Hall com mais de 100 anos situado na Praça do Templo, na Cidade do Lago Salgado, foi totalmente renovado, mas conservando-se o artesanato da época dos pioneiros. Foi rededicado na Conferência de abril. Na última capa, o novo órgão no Assembly Hall, com mais de 3500 tubos.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151 - P 209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr$ 1.500,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 300; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência **Cr$ 150,00**. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados.
Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Ultimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composição: Bandeirante S.A. Gráfica e Editora - Rua Stella, 515 - Bloco H - 1º andar - Fone: 572-0033 -Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua Manuel Carneiro da Silva, 241 - Fone: 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

Compromisso e Dedicação

Presidente Marion G. Romney
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Considerando a questão do compromisso e dedicação, pensei nas muitas grandes personagens da Bíblia e Livro de Mórmon, e nos dedicados santos dos primórdios da Igreja — todos tão valentes, corajosos e comprometidos com causas sublimes e nobres. Todos nós devemos igualmente ter um compromisso individual que nos faça estar á altura dos padrões de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Na esperança de que nos incentivem nesse sentido, recordarei algumas coisas que evidenciam as qualidades que precisamos desenvolver.

Não conheço caminho melhor que o seguido pelos filhos de Mosiah. Não chegaria a dizer que me saí tão bem quanto eles, mas tenho suficiente experiência pessoal para saber que a fórmula deles funciona para todos os que a seguirem.

Eles, diz Mórmon, "haviam-se fortalecido no conhecimento da verdade; porque eram homens de inteligência sã, e haviam examinado diligentemente as escrituras para poder conhecer a palavra de Deus.

"E não só isso; tinham-se entregado a muitas orações e jejuns; por isso tinham o espírito de profecia e de revelação, e quando ensinavam, faziam-no com poder e autoridade de Deus." (Alma 17:2-3.)

Este é o grande poder que faz as coisas funcionarem na Igreja de Deus.

Sem ele, tudo o mais falha.

Os filhos de Mosiah estavam comprometidos em aprender as coisas de Deus. Provavelmente *hoje* não exista ninguém com compromisso mais forte de aprender, do que os santos dos últimos dias. Nossos compromissos apóiam-se no fato de o Senhor haver-nos instruído a estudar e aprender, e a nos familiarizarmos "com todos os bons livros, com linguagens, línguas e povos." (D&C 90:15.) Pois, diz ele, "é impossível ao homem ser salvo em ignorância" (D&C 131:6), isto é, em ignorância da verdade. "O homem só pode ser salvo à medida que adquire conhecimento", acrescenta o Profeta Joseph Smith. *(Ensinamentos do Profeta Joseph Smith,* p. 212.) Disse o Senhor, ainda, que "a glória de Deus é inteligência" (D&C 93:36), e o Profeta Joseph Smith: "Qualquer princípio de inteligência que alcançarmos nesta vida, surgirá conosco na ressurreição.

"E, se uma pessoa por sua diligência e obediência adquirir mais conhecimento e inteligência nesta vida do que uma outra, ela terá tanto mais vantagem no mundo futuro." (D&C 130:18-19.)

E novamente, diz o Senhor: "E na verdade vos digo que é da minha vontade que vos apresseis... em obter um conhecimento de história, de países e de reinos, das leis de Deus e dos homens, e tudo isto para a salvação de Sião." (D&C 93:53.)

Agora, apenas uns poucos pensamentos sobre a necessidade de um comprometimento total, de dedicação plena.

"... ó vós que embarcais no serviço de Deus, vede que o sirvais de todo o coração, poder, mente e força, para que possais comparecer sem culpa perante o tribunal de Deus, no último dia," diz o Senhor. (D&C 4:2.)

Provavelmente conheceis o seguinte episódio da vida de Néfi. Quando o pai mandou os irmãos mais velhos irem buscar, em Jerusalém, as placas de latão que continham a sua genealogia, eles resmungaram e se lamuriaram. Néfi, porém, disse: "Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, pois sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas." (1 Néfi 3:7.)

Chegando a Jerusalém, coube a Lamã a responsabilidade de buscar as placas. Ele foi com relutância, e voltou sem elas. Eles então foram "à terra de (sua) herança, (recolheram)... ouro... prata e.... objetos preciosos" (1 Néfi 3:22), a fim de tentar a compra das placas. Labão, porém, apossou-se do ouro e prata, e eles tiveram que fugir correndo, para salvar a vida. Saindo da cidade, Lamã e Lemuel açoitaram Néfi. Estavam decididos a voltar para junto do pai sem as placas, persistindo neste intento, mesmo depois de serem repreendidos por um anjo. (Ver 1 Néfi 3:28-31.) Néfi, entretanto, disse:

"Voltemos novamente a Jerusalém e sejamos fiéis aos mandamentos do Senhor, pois ele é mais poderoso que

Néfi estava comprometido a obedecer ao Senhor, ainda que isto implicasse enfrentar a ira de seu irmão, e matar Labão para conseguir as placas de latão.

todo o mundo. Por que não há de ser mais poderoso que Labão e seus cinqüenta ou mesmo suas dezenas de milhares?" (1 Néfi 4:1.)

Néfi foi e conseguiu as placas.

Algum tempo depois, estando Néfi pesaroso com a oposição dos irmãos quando começava a construir o barco, estes pensaram que houvesse perdido o ânimo. Mas Nefi respondeu-lhes com firmeza: "Se (o Senhor) me ordenasse que fizesse todas as coisas, eu as poderia fazer." (1 Néfi 17:50.) Néfi cumpriu a tarefa devido à total dedicação e comprometimento.

Quando Paulo compreendeu o conceito e significado do plano de salvação de Deus, quando se conscientizou que o nome de Jesus era o único nome "dado debaixo do céu, mediante o qual o homem (pode) salvar-se" (2 Néfi 25:20), todo seu conhecimento anterior deixou de ser importante. Converteu-se a ponto de, na mesma hora e lugar, comprometer-se totalmente a levar a mensagem do evangelho aos

semelhantes.

O mesmo se deu com Alma. Diz ele, falando de sua conversão: "E desde aquela ocasião até agora, trabalhei sem cessar para conseguir trazer almas ao arrependimento; para fazer com que experimentassem a intensa alegria que eu provei; para que também possam nascer de Deus e encher-se do Espírito Santo." (Alma 36:24.)

O registro de seus atos comprova a veracidade de sua declaração. Renunciou ao cargo de juiz supremo, como chefe executivo do governo nacional, "para que ele mesmo pudesse ir entre o povo... e fazer com que... se lembrasse de seus deveres, a fim de que pudesse, pregando-lhes a palavra de Deus, abater todo o seu orgulho, artimanhas e contendas, porque não via outro modo de reformá-los senão pela força de um testemunho puro contra eles". (Alma 4:19.)

Bem, não estou sugerindo que todos larguemos o trabalho e negócios para nos dedicarmos unicamente ao ministério. Isto fazemos só quando chamados. O que tento dizer é que devemos adquirir conhecimento do plano de salvação, convencendo-nos de que é o único caminho para a paz e felicidade neste mundo, e para a vida eterna no mundo vindouro. Acima de tudo, devemos assumir o compromisso pleno de transmitirmos, por palavra e atos, nosso conhecimento e testemunho ao próximo, para que ele possa aceitar e regozijar-se no evangelho.

Pelo estudo das escrituras, podemos saber o que o Senhor tem revelado, por meio de seus profetas, a respeito do plano de salvação. Ao orar com regularidade pela manhã e à noite, e seguirmos honestamente os ensinamentos do evangelho, gozaremos da sua paz e espírito. Buscando com sinceridade e determinação conseguiremos obter e preservar, por intermédio do Espírito Santo, um testemunho da divina verdade contida neste plano. Devemos estar tão convertidos e dedicados a ele, a ponto de nossa vida inteira sofrer sua influência. O certo e o errado de nossas decisões e atitudes deve ser medido consistentemente à sua luz. Se assim fosse, jamais cometeríamos erros em nossos julgamentos e ações, quando frente às exasperantes questões e problemas de nossos dias.

Por exemplo, teríamos a visão correta sobre trabalho e diversão no dia do Senhor. Numa sociedade convertida ao plano de salvação, não haveria necessidade de leis proibindo o comércio e transações no domingo. Ninguém violaria o dia do Senhor, abrindo seu estabelecimento comercial ou fazendo compras. Não precisaria haver leis contra o aborto, e tampouco haveria literatura pornográfica, filmes impróprios ou outros tipos de diversão degradante. Não existiria intolerância racial, nem problemas sociais.

Rogo que tomemos decisões à luz do plano de salvação e ajamos de

"Trabalhei sem cessar para conseguir trazer almas ao arrependimento... para que também possam nascer de Deus."

Pintura de Arnold Friberg

acordo com elas influenciando assim, miríades de nossos semelhantes. Não há mais nada, debaixo dos céus, que seja tão importante para vós ou para mim. É preciso estarmos comprometidos a viver de modo que nos beneficiemos deste sublime plano, o qual foi elaborado nos céus, desde o princípio, para a redenção do gênero humano, e sua salvação e exaltação na presença de Deus. Cada um de nós deve assumir esse compromisso e viver de acordo com ele.

Independentemente da natureza de nossas ocupações cotidianas, precisamos compreender o plano de salvação, guardar o seu espírito, e cumprir nossa parte nele. Podemos da mesma forma influenciar positivamente aqueles a quem servimos e com quem convivemos, ajudando-os a encontrar a verdade.

Creio também que a melhor maneira de encetar o caminho e conservar-se nele é fazer como Jesus: *Comprometer-se totalmente* a fazer a vontade do Pai. Uma das coisas que ele fez foi familiarizar-se totalmente com a vontade declarada do Pai e, mais importante ainda, comungar com o Pai através da oração. Isto fez não só para conhecer a vontade do Pai, mas também a fim de conseguir forças para cumpri-la. Parece-nos que, durante seu ministério terreno, jamais tomou uma decisão importante ou enfrentou uma crise sem orar. Pelo que as escrituras registram de sua luta no Getsêmani, vemos que, embora nem sempre lhe fosse fácil ou agradável fazer a vontade do Pai, ele sempre a cumpria.

Nesta última dispensação, o Senhor tem ensinado a importância da total dedicação (ou compromisso) ao seu serviço e estrita obediência aos mandamentos, com a mesma ênfase com que o fez durante seu ministério terreno.

Seria bom que cada um de nós seguisse o modelo que Jesus nos deu por preceito e exemplo:

"Vinde a mim", Jesus falou,
E seu exemplo nos deixou,
Para podermos nos guiar,
Vencendo o mal sem vacilar.
(Hinos, n.º 9.) □

Idéias para os Mestres Familiares

Pontos Que Merecem Ênfase: Você poderia ressaltar estes pontos na mensagem do ensino familiar:

1. Não existe atualmente nenhum povo no mundo mais dedicado ao estudo que os santos dos últimos dias. Cada pessoa deve assumir pessoalmente esse compromisso.
2. Devemos assumir o sério compromisso de transmitir nosso conhecimento e testemunho aos nossos semelhantes, para que possam aceitar e regozijar-se no evangelho.
3. O certo e errado das decisões e atitudes deve ser determinado à luz do plano de salvação.
4. A melhor maneira de encetar o caminho e conservar-se nele é fazer como Jesus: *Comprometer-se totalmente* a realizar a vontade do Pai.

Sugestões para a Mensagem

1. Conte experiências e o que significa para você o compromisso e dedicação ao Evangelho de Jesus Cristo. Peça aos familiares que compartilhem seus sentimentos.
2. O artigo contém escrituras ou citações que a família poderia ler em voz alta e debater?
3. Seria preferível abordar esse assunto depois de conversar com o chefe da família, antes da visita? O líder do quorum ou bispo tem uma mensagem a respeito de compromisso e dedicação para o chefe da família?

O VALOR DE UMA ALMA

Guia para o Mestre Familiar na Responsabilidade com Membros Inativos

Élder Joseph B. Wirthlin
do Primeiro Quorum dos Setenta

Certa ocasião, durante a vida mortal, Jesus ensinou: "Que homem dentre vós, tendo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove e não vai após a perdida até que venha a achá-la?

"E, achando-a, a põe sobre seus ombros, gostoso.

"E, chegando em casa, convoca os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Alegrai-vos comigo, porque já achei a minha ovelha perdida.

"Digo-vos que assim haverá alegria no céu por um pecador que se arrepende, mais do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento." (Lucas 15:4-7.)

Esta parábola ilustra o grande valor de cada pessoa aos olhos de nosso Pai Celeste.

Hoje, com a sociedade tornando-se cada vez mais complexa, muitas forças se combinam para fazer a

Foto de Eldon K. Linschoten

pessoa considerar-se sem importância e insignificante, às vezes reduzida a mero número nos arquivos governamentais, lista de alunos ou registros bancários. Isto sugere, muitas vezes, que a vida humana é trivial, pouco mais que uma bolha na crista da onda. Mais do que nunca, é preciso que toda pessoa entenda o amor de um Pai divino, a cujos olhos ela ocupa um lugar eterno. Mais importante que qualquer descoberta científica ou parcela cintilante de conhecimento profano é a reafirmação do valor da pessoa humana pelo Senhor através do Profeta Joseph Smith:

"E se acontecer que, se trabalhardes todos os vossos dias, proclamando arrependimento a este povo e trouxerdes a mim, mesmo que seja uma só alma, quão grande será a vossa alegria com ela no reino de meu Pai!

"E agora, se a vossa alegria for grande com uma só alma que trouxestes a mim no reino de meu Pai, quão grande será a vossa alegria, se me trouxerdes muitas almas." (D&C 18:15-16.)

Certa parábola moderna fala do agricultor cujo trigo prometia uma safra sem precedentes. Segundo a história, ele só conseguia pensar no tesouro que poderia adquirir com os lucros da safra. Todo dia visitava seus campos para contemplar, orgulhoso, aquele mar de espigas douradas. Depois voltava para casa, contando à família com orgulho quão rico seria.

Esse homem tinha um garotinho doente que pediu ao pai que o levasse a ver o imenso campo de trigo. Consentindo, o pai tomou-o nos braços e o levou até lá. Absorvido na contemplação do tesouro, não percebeu imediatamente que o filho se afastara.

Passado algum tempo, notou a falta do filho e começou a procurá-lo entre o trigo, bem mais alto que o garotinho. Não conseguindo encontrá-lo, o pai, desesperado, correu à aldeia em busca dos vizinhos. Formando um amplo círculo, todos deram-se as mãos e foram-se movendo vagarosamente, pisoteando as exuberantes espigas de trigo até encontrarem o corpo do menino. Transtornado, o pai chorou a morte do filho a quem tanto amava, compreendendo que uma pessoa vale muito mais do que o dinheiro pode comprar. (Sidney H. Alexander Jr., "Today's Crises", *Vital Speeches*, 1.º de janeiro de 1963, pp. 185-86.)

Como filhos de Deus, precisamos igualmente compreender o grande valor de cada pessoa. Na Igreja, gastamos uma porção de dinheiro e tempo para salvar nossos mortos (através da obra genealógica e do templo) e enviamos milhares de nossos jovens e outros voluntários para pregar o evangelho e reunir os desejosos de atender à voz do bom pastor. Buscamos cada pessoa que queira aceitar nossa mensagem.

Outra parte importante de nossos

"Preocupo-me com os filhos e filhas de Deus entre nós geralmente denominados 'inativos'."

esforços para salvar almas, entretanto, é encontrar e recuperar membros inativos. Isto não é tão simples quanto encontrar ovelhas. Estas deixam pistas óbvias e mais fáceis de seguir que os impulsos e motivos mentais e emocionais dos membros inativos, muitos dos quais são indiferentes aos valores espirituais no plano de vida do evangelho. Preocupo-me com os filhos e filhas de Deus entre nós, geralmente denominados "inativos". Eles constituem parte valiosa da congregação da Igreja.

Freqüentemente, o primeiro contato dos membros inativos com a Igreja é feito pelos mestres familiares, que servem sob a direção do bispo e líderes do quorum do Sacerdócio de Melquisedeque. Meu interesse por esse importante dever no ensino familiar surgiu cedo na vida.

Preparação e Atitude

Quando era moço e me preparava para sair em missão, tinha um bispo extraordinário, chamado Marion G. Romney, atualmente membro da Primeira Presidência. Dando a meu companheiro e a mim uma designação no ensino familiar, o Bispo Romney destacou a importância de sermos humildes e orarmos, e prepararmos uma boa mensagem espiritual. Prometeu-nos grande alegria nas oportunidades que encontraríamos na designação de ensino familiar. Ficamos encarregados de visitar cinco famílias, três delas inativas. Ele dava tamanha importância a essa designação, que logo fomos influenciados por seu entusiasmo e cuidado. Suas instruções minuciosas de como agir eram impressivas, e nós seguimos com todo cuidado seu inspirado conselho. Depois de uma série de visitas, "nossas" famílias, inclusive as inativas, se tornaram amigas, todas ficando ativas na Igreja.

O Bispo Romney tornou essa designação de ensino familiar importante para nós. Incentivou-nos a nos prepararmos cuidadosamente e a encararmos com seriedade os resultados das visitas. Ajudou-nos a ter a fé necessária; ensinou-nos que o cumprimento mecânico e desinteressado de qualquer tarefa está fadado ao insucesso. Fez-nos compreender que o fator primordial e básico no ensino familiar junto a inativos é o próprio mestre familiar. Seu preparo, dedicação, atitudes e iniciativas são fundamentais.

Amizades

Anos atrás, um amigo meu foi chamado a cumprir missão de estaca. Ele trabalhava como gerente de um grande supermercado e tinha entre suas freguesas uma senhora idosa, abastada e de grande prestígio na comunidade. Simpatizando sinceramente com ela, fazia o possível para agradá-la; levava-lhe as compras até o carro, abria-lhe a porta e esperava até ela partir. Sempre sorrindo, dizia-lhe palavras gentis e acenava amigavelmente com a mão. Ela o apreciava muito por suas maneiras gentis e gestos de

boa vontade.

Certa noite, batendo de porta em porta com seu parceiro, aconteceu chegarem à casa dela. Surpreso, viu-a abrir a porta cautelosamente, a princípio, mas vendo quem era, escancarou-a, exclamando com alegria: "Que surpresa agradável!"

Explicou-lhe, então, que não estava ali profissionalmente, mas como missionário de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Ela respondeu que já tinha religião, que havia anos se recusava a receber representantes da Igreja Mórmon e a ouvir sua mensagem. "Mas, com o senhor é diferente. Entre, por favor. Quero ouvir o que tem a dizer um esplêndido cristão como é o senhor."

Foi um mero início. Não é preciso contar toda a história. Basta dizer que ela se filiou à Igreja com ardor — porque seu coração fora abrandado por esse excelente santo dos últimos dias.

Tal experiência ilustra o segundo ponto para se cativar aqueles supostamente inacessíveis — construir uma ponte de amizade antes de abordar o assunto religião e participação na Igreja. Uma amizade nascida da simpatia e boa vontade, ajudará a dissipar temores, incertezas e antagonismos abrindo a porta para o entendimento e aceitação do evangelho.

Um terceiro princípio fundamental na recuperação do inativo é a oportunidade. Diz a escritura com toda razão:

"Tudo tem seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu:

"Há tempo de nascer,... tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou." (Eclesiastes 3:1-2.)

Meu amigo missionário de estaca teve outra experiência que lhe ensinou a nunca mais achar que as pessoas não mudam. Elas não são pedras nem astros. Estão em constante mutação.

Certo médico recusou-se a receber meu amigo como mestre familiar; era membro da Igreja só de nome. Sua porta parecia permanente e definitivamente fechada para os representantes da Igreja. Então aconteceu que uma noite, visitando o hospital, meu amigo ficou surpreso e triste ao encontrar o médico intratável numa das camas. Perguntou humilde e corajosamente:

— Gostaria de que lhe déssemos uma bênção?

— Não haveria nada capaz de ajudar-me mais, neste momento, — respondeu o médico, fraco e deprimido.

E foi assim, conta meu amigo, que reativamos esse irmão. Parece que para todos há uma hora certa — basta que o Espírito de Deus nos induza a fazer o que deveríamos!

Todos temos horas em nossa vida em que somos mais receptivos a mudanças ou que nos ajudam a reavaliar as prioridades espirituais. O mesmo se dá com os membros inativos. As famílias inativas para que são designados, talvez se mostrem mais receptivas ao enfrentarem alguma provação ou quando de um

"Providenciem com o líder do quorum ou bispo que 'suas' famílias sejam convidadas a participar de um seminário de preparação para o templo."

acontecimento significativo em sua própria vida ou na dos filhos. Não as abandonem, e estejam preparados para serem uma influência espiritual na hora oportuna.

Conversão

A conversão espiritual ao Evangelho de Jesus Cristo é a mais importante influência para motivar uma pessoa à atividade. Concentrem esforços nessa área. Providenciem com o líder do quorum ou bispo que os "seus" casais inativos sejam convidados a participar de um seminário de preparação para o templo, em âmbito de ala ou estaca. Participem do seminário com "suas" famílias, reforçando o aproveitamento durante as visitas, dirimindo dúvidas e incentivando seu progresso.

Se não quiserem participar de um seminário, solicitem permissão para falar-lhes sobre os princípios do evangelho em aulas semanais no próprio lar, dadas por você e seu companheiro. Não prolonguem essas aulas (trinta a quarenta e cinco minutos) e usem como material de ensino os *Debates para o Seminário de Preparação para o Templo* (PBMP0101PO) as palestras normais dos missionários ou *Princípios do Evangelho* (PBIC0245PO). A maioria das famílias reagirá positivamente à proposta de ser ensinada em casa.

Ensinem a família em casa, sem pressioná-la a assumir compromissos, dar contribuições ou mudar imediatamente de conduta. Permitam que cresçam na verdade que apresentam e sintam que seu conhecimento e força espiritual está aumentando. Muitas vezes vão sugerir suas próprias metas e compromissos, à medida que aprendem mais a respeito do evangelho.

Continuem com as aulas semanais no lar, até que a família se torne espiritualmente independente. Isto pode acontecer em poucas semanas ou demorar meses.

Pais

Concentrem-se nos pais, pois quando eles se tornam ativos, em geral influenciam toda a família igualmente à atividade. Consultem os pais a respeito de suas visitas e atividades com a família. Peçam-lhes orientação e respeitem seus pedidos. Estando em seu lar, permitam que o pai decida quem deve proferir a oração, qual o assunto a ser abordado e que sugestões gostaria de que fizesse.

Participação

Quando apropriado, procurem dar a "suas" famílias oportunidades de servir e participar de uma das organizações da Igreja. Embora precisem desesperadamente de seu amor e cuidados, necessitam também da oportunidade de crescer, servindo e participando. Os quoruns devem organizar comitês apropriados, dirigidos por portadores ativos do Sacerdócio de Melquisedeque, que prestam regularmente contas à presidência do quorum. Em cada comitê, poderia servir um irmão inativo, ao lado de dois ou três ativos. Freqüentemente, os irmãos inativos que não aceitam o

"Embora os membros inativos precisem desesperadamente de seu amor e cuidados, necessitam também da oportunidade de crescer servindo e participando."

convite genérico de freqüentar a Igreja, reagem positivamente ao pedido de servirem em determinado comitê que leve em conta seus interesses. Nele poderão formar amizades, adquirir maturidade no evangelho e criar autoconfiança espiritual.

Paciência

Seu empenho em ativar certas famílias poderá exigir longo tempo de paciente serviço, pois "o irmão ofendido é mais difícil de conquistar do que uma cidade forte". (Prov. 18:19.) As pessoas progridem no seu próprio ritmo; algumas precisam de mais tempo para se tornarem ativas. Sejam pacientes com elas; esse trabalho leva tempo.

Orientação Espiritual

Nenhum método de ativação serve para todos. Os motivos de inatividade dos membros são tão variados quanto eles próprios. Seus planos para ativá-los precisam ser elaborados com todo cuidado e muita oração, de acordo com as necessidades deles. Só o Senhor conhece os segredos para abrandar seus corações.

Muitos membros da Igreja precisam da influência fortalecedora de irmãos e irmãs interessados. Embora os mestres familiares desempenhem um papel vital na ativação de membros, todos os membros e organizações da Igreja têm sua quota de responsabilidade nesse sentido. Disse o Presidente Spencer W. Kimball:

"Os ciclos de inatividade e indiferença repetem-se de pais para filhos. Precisamos romper esse ciclo simultaneamente em dois pontos: Temos de nos esforçar para que muitos mais de nossos rapazes e moças continuem fiéis, ajudando-os a serem dignos de sair em missão e se casarem nos santos templos. Ao mesmo tempo, precisamos alcançar e reter um número muito maior dos pais." (Seminário para os Representantes Regionais, 30 de setembro de 1977.)

Procurando alcançar os irmãos e irmãs individualmente e como organização, devemo-nos lembrar de que "é o toque humano neste mundo que conta... muito mais para o coração desalentado do que abrigo e pão". (Spencer Michael Frees, "The Human Touch", *A Treasury of inspiration*, ed. Ralph L. Woods, New York: Thomas Y. Crowell Co., 1951, p.327.) O toque humano, sem dúvida, é o ponto de partida de todo bom mestre familiar, como também é necessário o "toque divino", tanto para o mestre como seu "pupilo".

Cumprindo esse dever com diligência, de modo eficiente e com satisfação, possamos sentir a alegria descrita por Jesus:

"Alegrai-vos comigo, porque já achei a minha ovelha perdida.

"Digo-vos que assim haverá alegria no céu por um pecador que se arrepende, mais do que por noventa e nove... que não necessitam de arrependimento."
(Lucas 15:6-7.) □

O Que Fez Um Mestre Familiar

A Irmã, que chamaremos de Rute, era relativamente nova na ala, e Jay Lyman não a conhecia, quando foi designado seu mestre familiar. Conversando com a filha dela, residente em outra ala e com outros conhecidos seus, o Irmão Lyman conseguiu informar-se um pouco a seu respeito antes da primeira visita.

A Irmã Rute residia num bairro aprazível, num pequeno apartamento composto de quarto e cozinha, anexo a uma casa de família. No quarto havia uma poltrona estragada na qual a Irmã Rute ficava sentada a maior parte do tempo que não passava na cama. Saía muito raramente, não tinha interesse por nada. Passava os dias sozinha em casa.

Essa irmã fumava muito, além de ser profundamente dependente de remédios. Continuava usando muitos medicamentos que lhe haviam sido prescritos por diversos médicos no decorrer dos anos. Sua aparência, atitude e conversa demonstravam profunda amargura diante da vida e suas condições. Além do forte ressentimento que nutria pelo pai e outros, um infeliz incidente com um membro da Igreja deixara-a muito magoada. Enfim, sua vida não tinha nada de agradável. O Irmão Lyman passou a orar fervorosamente para descobrir a melhor maneira de

Toda sua aparência, atitudes e conversas demonstravam profunda amargura diante da vida e suas condições. Além disso, nutria um forte ressentimento pelo pai e outros.

ajudar essa irmã tão infeliz.

Passado pouco tempo, surgiu uma primeira oportunidade. A dona da casa queria mandar pintar o apartamento, cabendo à Irmã Rute cuidar da remoção do mobiliário para o pátio. O líder de grupo dos sumo sacerdotes e o Irmão Lyman encarregaram-se de retirar os móveis e levá-los de volta, depois de pronta a pintura. Puderam, assim, ser úteis à Irmã Rute, embora ficassem tristes, vendo os parcos haveres da irmã.

Aproveitando uma breve viagem da Irmã Rute para visitar parentes, o Irmão Lyman e sua esposa, Virgínia, "confiscaram" a poltrona desconjuntada. A armação era boa, necessitava apenas de novo estofo e revestimento. Virgínia fez um excelente trabalho e puderam devolvê-la antes da volta da Irmã Rute.

O Irmão Lyman e seu companheiro júnior visitavam a Irmã Rute regularmente, além de outras visitas informais com sua esposa, para conversarem acerca do evangelho ou fazerem uma simples oração. Pouco a pouco, a Irmã Rute passou a aceitar e retribuir sua amizade, que se foi consolidando

cada vez mais.

Certa primavera, quando se tornou necessária uma cirurgia, o casal Lyman passou com ela muitas horas, pessoalmente ou conversando ao telefone, levando-a à Igreja, ao médico ou às compras. Mantinham contato diário. Durante algum tempo, ela telefonava todas as noites antes de ir para a cama; sentia-se só e precisava de um ouvido atento. O casal pôde preencher parte desse vazio e proporcionar-lhe a necessária amizade.

Os Lymans estavam em férias, quando a Irmã Rute foi operada, mas, mesmo assim, mantiveram-se em contato pelo telefone, dando-lhe incentivo e bom ânimo.

Ela recebera uma bênção do sacerdócio e tinha confiança que o Senhor cuidaria dela.

Depois da operação, ela resolveu deixar de fumar e conseguiu.

É que um neto lhe pedira antes de partir para a missão — e ela foi capaz de atendê-lo, com a ajuda do Senhor e seu forte desejo de agradar ao neto.

Com o passar dos meses, a Irmã Rute fez novas amizades e encontrou interesses fora de casa. Aumentou a freqüência à Igreja e começou a pagar o dízimo.

O Irmão Lyman recorda de tê-la acompanhado ao acerto de dízimo; a princípio, ela não quis ir sob o pretexto de estar indisposta, mas ele simplesmente marcou a hora para buscá-la. Ao voltarem para casa, ela irradiava alegria; era a primeira vez na vida que pagara o dízimo integralmente.

Agora, sua atitude para com a vida mudou radicalmente. A amargura se foi, substituída por um espírito humilde e contrito. Perdoou quem a magoara. O relacionamento com os filhos melhorou muito, cuja conduta e atitude com ela se modificou diante de sua nova tolerância e amor a eles.

Por fim, essa boa irmã se mudou para um apartamento melhor, mobiliou-o confortavelmente e conseguiu novos amigos no prédio em que morava. Um novo médico, decidido a curá-la da dependência de medicamentos, insistia em que enfrentasse os problemas da vida com suas próprias forças e não à custa de remédios. Com o auxílio dedicado e poder do sacerdócio para abençoar e fortalecê-la, ela conseguiu vencer o difícil período de readaptação.

As bençãos recebidas pela "nova" Irmã Rute têm sido inúmeras, incluindo a participação nas sagradas cerimônias do templo com seus familiares e amigos. Conta o Irmão Lyman: "Sou profundamente grato pela oportunidade de servir como seu mestre familiar. Na verdade, eu amava a 'velha' Irmã Rute tanto quanto a 'nova' — só que agora não preciso entristecer-me por causa de sua vida tão vazia e infeliz. Hoje ela vive com alegria e satisfação, enriquecida pelas bençãos da vivência do evangelho." □

D I Á R I O

Como Ele É Agora

Yvette Tracy

Meu pai era um homem instruído e bem dotado. Tinha também sentimentos positivos a respeito de nosso Senhor Jesus Cristo. Desde que eu era criança, porém, bebia tanto, que parecia nunca estar sóbrio. Lembro-me de que acabou perdendo o emprego, passando a trabalhar esporadicamente alguns dias, apenas o suficiente para adquirir bebidas. Seu vício me afetava profundamente, e muitas vezes orei para que ele encontrasse forças para abandoná-lo.

E um dia, quatro meses antes de sua morte, ele o fez. Deixou de beber de vez e tentou recomeçar uma nova vida. Estava até em vias de recuperar seu antigo emprego. Certa noite, alguns meses depois de sua morte, sonhei que papai estava sentado numa espécie de plataforma, olhando-me com um sorriso; seu rosto brilhava e parecia estar muito feliz. Ao seu lado, estavam outros vestidos de branco como ele, que eu não conhecia. O sonho deixou-me impressionada. Perguntava-me como papai podia estar tão tranqüilo e feliz, depois de viver tão irresponsavelmente aqui na terra. Deixara mamãe com seis filhos pequenos e sem recursos. Quando as pessoas me indagavam a respeito dele, eu dizia que fora um mau pai.

Então tive outro sonho no qual me vi na porta de nossa casa, falando com papai. Ele estava embriagado, muito pálido e usava roupas gastas e sujas. Falei com ele asperamente, perguntando por que bebia tanto. Mandei que fosse embora e nos deixasse em paz. De repente, vi um homem vindo em minha direção. Era igualmente meu pai, mas dessa vez bem vestido, aparência alegre e olhar tranqüilo. Apontando o outro, disse: "Esse é o homem que fui; hoje sou assim."

Minha alegria, naquele momento, foi indescritível, pois sabia que esse segundo sonho era a resposta ao primeiro — papai realmente mudara antes de falecer. Vencera a batalha que vinha travando contra o álcool e se arrependera.

Desde aí, regozijo-me no conhecimento de que papai vive em paz e está progredindo. Regozijo-me também no conhecimento de que, para cada um de nós, o caminho da verdadeira felicidade é a fé e o arrependimento. Não importa quão afundados estejamos no pecado e infelicidade, podemos modificar nossa vida. A expiação do Salvador no-lo tornou possível.

Seis Dias Depois Do Batismo

Carolyn Thompson

Minhas memórias de infância numa pequena cidade rural do noroeste da Flórida lembram tempos difíceis. Quando eu tinha seis anos, meu pai ficou cego num acidente. Já sendo orfã de mãe, tive de assumir a responsabilidade de cozinhar e cuidar da casa. Não foi fácil, mas nos arranjamos. Embora freqüentasse a igreja a que pertencíamos, eu era arredia e por isso quase sempre ficava de fora nas atividades.

Passados alguns anos, meu irmão de dezessete anos foi para o Vietnam como soldado. No ano seguinte, papai morreu em outro acidente. Eu o encontrei morto debaixo de um carro — pensei que iria perder a razão. Pouco depois, minha irmã e eu fomos informadas pelo juiz do condado de que, como não haviam encontrado um lar adotivo para nós, teríamos de ir para um orfanato. Mas, antes que isso acontecesse minha irmã casou-se e logo em seguida eu casei-me com Ben. As oportunidades para um casal moço em nossa área eram escassas; assim, quando o tio de Ben nos deu a idéia de nos mudarmos para Indiana, aceitamos. Vivemos infelizes durante muito tempo. Lá estávamos totalmente isolados, a mais de mil e quinhentos quilômetros de casa e num ambiente completamente estranho.

Nessas condições, fiquei consternada ao saber que minha irmã estava esperando um bebê. Já havia resolvido que eu não teria filhos. Vivia amargurada e não queria trazer uma criança ao mundo para crescer como eu crescera.

Passado pouco tempo, entretanto, comecei a sentir dentro de mim uma coisa que não conseguia entender. Eu precisava de algo — algo meu a que me pudesse agarrar. Então mudei de opinião e decidi aventurar-me na maternidade — ainda insegura e assustada, mas também um pouco emocionada.

Passei mal o tempo todo e, às vezes, duvidava do acerto de minha decisão; mas, quando a enfermeira colocou o bebê em meus braços pela primeira vez, todas as dúvidas se foram. Demos-lhe o nome de Bill. Era tão lindo e parecia-me que ia arrebentar de tanto querer-lhe bem. Passou a ser minha vida — não apenas parte dela, mas toda ela se resumia nele. Eu também tinha meu marido, mas acho que minha experiência até aí me deixara com uma vaga (e, neste caso,

Acordei com o choro de Bill. Fui correndo para o quarto dele, onde o encontrei lavado em lágrimas. Estava espumando pela boca, quase preto e tão quente, que tive de envolvê-lo num lençol para poder segurá-lo.

infundada) apreensão quanto à permanência de qualquer coisa nesta vida. Mas com Bill eu tinha certeza. Ele era meu.

Nossa condição de vida melhorou. Finalmente pudemos comprar uma casa-*trailer* e tivemos a sorte de encontrar como vizinhos no estacionamento de casas-*trailer* uma família SUD. Eles se mostraram muito amigáveis, e muitas vezes nos convidavam a ir à Igreja com eles. Como eu concordava que meu filho precisava conhecer a Deus, fiquei contente de eles insistirem até eu aceitar o convite.

Aconteceu que a primeira reunião a que fomos foi uma reunião de jejum e testemunho. A nova experiência deixou-me um pouco desnorteada, mas não o Ben; ele converteu-se na hora. Ouvimos duas palestras dos missionários nas duas semanas seguintes. No sábado, 28 de fevereiro de 1970, ouvimos mais três, fomos entrevistados e batizados na mesma noite.

Seis dias mais tarde, a 6 de março de 1970, meu mundo desmoronou. Meu filhinho estava em coma no hospital e ninguém conseguia ajudá-lo. Estava morrendo.

Jamais olvidarei esse dia terrível. O dia 5 de março fora um lindo dia. O sol brilhava e parecia que o mundo inteiro era nosso. Tínhamos tudo o que eu nunca tivera na infância — segurança, saúde, amor e agora, a Igreja. O pequeno Bill tinha então dezenove meses e, naquela noite, divertiu-se muito na festa de aniversário que fizemos para sua avó. Estava tão alegre, correndo e brincando e divertindo-se a valer. Na madrugada do dia 6, acordei com o choro de Bill. Fui correndo para o quarto dele, onde o encontrei lavado em lágrimas. Estava espumando pela boca, quase preto e tão quente, que tive de envolvê-lo num lençol para poder segurá-lo.

Fomos procurar imediatamente o pronto-socorro do hospital, onde tivemos de ficar esperando ansiosos, enquanto os médicos se esforçavam para salvar-lhe a vida. Finalmente nosso médico veio dizer-nos que o pequeno estava com quarenta e dois graus de febre, sem conseguirem descobrir a causa e que mandara buscar o melhor pediatra do Estado. Este, também, ficou estarrecido. Mais tarde, pela manhã, fomos chamados ao gabinete dele, onde nos disse que não estava conseguindo baixar-lhe a febre e não havia mais nada a fazer. Meu mundo inteiro pareceu desabar. Não me lembro muito bem daquelas últimas horas, só que voltei a me julgar tão sozinha como quando era criança.

Chamaram meu marido para conversar com alguém; fiquei só. Então telefonei a minha amiga para contar que Bill só tinha mais algumas horas de vida. Depois fui para junto dele. Era tão pequenino, belo e estava tão quieto. Sentei-me ao lado da cama, como que entorpecida. E sobreveio-me uma sensação que não consigo descrever — uma sensação de paz total como a que senti mais uma única vez, no templo do Senhor, no dia em que

nossa família foi selada para o tempo e a eternidade. Acometeu-me com tamanha força, que fiquei aturdida e trêmula. Erguendo os olhos, dei com um homem na porta, que reconheci como um dos sumo sacerdotes de nossa ala. Nem sabia o nome dele, mas sabia por que estava ali. Debruçando-me, peguei o Bill, que acordou quando toquei seu corpinho e sorriu-me por um segundo.

O homem à porta falou: "Sou o Irmão Walters. O Senhor mandou-me abençoar esta criança." Como Bill estava em isolamento, as enfermeiras não deixaram entrar mais que um visitante por vez; por isso, o Irmão Walters tivera de deixar seu companheiro no corredor. Depois de ungir Bill com óleo, colocou as mão sobre a cabecinha dele e abençoou-o com saúde e forças — e que ficasse curado *naquele mesmo dia*.

Pouco depois apareceu o médico com um papel para eu assinar. Era o consentimento para a autópsia. Recusei, e ele disse que voltaria. Dez minutos depois, meu garoto sentou-se na cama totalmente recuperado! Desceu da cama como se nada houvera acontecido e saiu correndo para o corredor — tão ligeiro quanto lhe permitiam as pernas. Lá fora deu de encontro com o médico e agarrou-se às suas pernas. O médico sempre sério e compenetrado, olhou para baixo assombrado. Depois, apanhou o Bill e veio correndo ao meu encontro, rindo e chorando ao mesmo tempo, e gritou: "É um milagre!"

Concordei com ele. Não sei quem chamou o Irmão Walters. Só sei que foi enviado por Deus. □

P. Por que se deve tomar o sacramento com a mão direita? Faz mesmo diferença qual mão se usa?

R. Russell M. Nelson, representante regional, ex-presidente geral da Escola Dominical.

Deitada em seu leito de morte, ao dar à luz um filho, Raquel deu-lhe o nome de *Benoni* que, em hebraico, quer dizer "filho da minha dor" ou "aflição". Jacó (Israel), seu marido, porém mudou o nome do recém-nascido, possivelmente para evitar a repetida referência ao sofrimento e morte dela, toda vez que fosse pronunciado. Escolheu como substituto Benjamim, que em hebraico significa "filho à (mão) direita". (Ver Gênesis 35:16-19.) Com esse nome especial dado a Benjamim, seu décimo segundo filho, Israel exprimiu seu grande amor a sua querida Raquel.

Que a mão direita sugere preferência ou graça simbólica, é demonstrado também na parábola das ovelhas e bodes. Dizia Jesus:

"Quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória;

"E todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas;

"E porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda.

"Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita:
Vinde, benditos de meu Pai,
possuí por herança o reino
que vos está preparado desde a
fundação do mundo."
(Mateus 25:31-34.)

Os relatos escriturísticos nos revelam alguma coisa do significado simbólico da mão direita — simbolismo que aparece na linguagem e outras características culturais do mundo judeu e cristão. Em latim, por exemplo, *dextera* (direita) e *sinistra* (esquerda), indicavam não só a mão direita e esquerda, como deram origem a adjetivos com conotação favorável e desfavorável. O uso da mão direita como gesto simbólico foi, com o tempo, estendido à prestação do juramento governamental e judicial, quando testemunhas deviam depor sob juramento.

Isto posto, podemo-nos concentrar na questão de que mão devemos usar, de preferência, ao participar do sacramento.

A palavra *sacramento* deriva de duas raízes latinas: *sacro* (sagrado) e *mente* (pensamento, intelecto), implicando pensamentos sagrados

da mente. Mais convincente ainda é o termo latino *sacramentum*, significando literalmente "voto ou obrigação solene". Participar do sacramento, portanto, pode ser interpretado como renovação *por voto ou juramento*, do convênio feito no batismo. É um momento sagrado, incluindo (1) voto silencioso manifestado pelo uso da mão, símbolo do convênio individual, e (2) o uso de pão e água, símbolo do grande sacrifício expiatório do Salvador do mundo.

A mão usada para participar do sacramento deveria ser a mesma usada ao se fazer qualquer outro voto sagrado. Para a maioria de nós, seria a mão direita. Os que perderam a mão direita ou não têm mãos, podem e fazem o convênio sacramental e outros convênios eternos. Muito mais importante que a mão usada para tomar o sacramento, é que se entenda profundamente o sacrifício expiatório que representa.

Os pais se preocupam com qual mão as crianças tomam o sacramento. Este é oferecido às crianças pequenas, ainda não batizadas, como meio de educação, preparação e instrução, "prefigurando o convênio que farão, ao atingirem os oito anos". (Bruce R. McConkie, *Mormon Doctrine*, p.660.) Por isso, é muito importante que desenvolvam um sentimento adequado e sagrada atitude mental quanto ao simbolismo e significado do sacramento. Os pais que quiserem ensinar aos filhos a importância dessa sagrada experiência, poderiam usá-la como tópico para uma noite familiar. Então, quando houver necessidade de um lembrete numa reunião, este poderá ser dado em silêncio, com paciência e carinho.

Participar do sacramento é um processo mental sagrado e, por isso, torna-se uma coisa muito pessoal para mim. Penso nos convênios que estão sendo feitos entre mim e a Deidade, ao serem proferidas as orações. Penso em como Deus ofereceu seu Filho Unigênito. Penso no sacrifício expiatório do Salvador, Jesus Cristo. O sacramento foi instituído por ele que ofereceu sua carne e sangue por toda a humanidade, incluindo eu, determinando que água e pão fossem seus emblemas simbólicos. Como possuo a mão direita, eu a ofereço, ao participar do sacramento, como voto de que sempre me lembrarei dele, como também guardarei os mandamentos de Deus.

Este é um sagrado privilégio de todos os santos fiéis no dia do Senhor. □

ESTAMOS CONTENTES DE TERMOS CUMPRIDO MISSÃO

Samuella R. Hawkins

Nós, cumprindo missão? Meu marido e eu já havíamos passado da idade de aponsentadoria; entretanto, o Presidente Spencer W. Kimball parecia estar olhando diretamente para nós ao explicar, numa sessão da conferência, que precisavam de casais mais velhos no campo missionário ("Prossigamos, Para a Frente e Para o Alto", Conferência Geral de Abril de 1979.) A decisão não foi fácil, mas a tomamos, e um dia fomos entrevistados pelo bispo e depois pelo presidente da estaca. Mesmo nessa primeira etapa, já começamos a ter bênçãos e surpresas.

Apesar de não termos anunciado nossa casa para alugar, de repente apareceu um casal dizendo que procurava uma casa espaçosa. Ao telefonarem para um corretor, houve uma ligação errada, e a voz que atendeu informou não ser corretor imobiliário, mas que conhecia um casal que estava para sair em missão e talvez alugasse sua casa, e deu-lhes nosso endereço.

Quando chegou nosso chamado para a Missão Washington Seattle, ficamos muito satisfeitos. Nosso filho mais velho cumprira missão nessa área e nos sentíamos familiarizados com ela.

Meses mais tarde, entrevistados por nosso líder de distrito, ele perguntou-nos como nosso testemunho havia crescido no campo missionário. Externei minha surpresa com a força das manifestações do Santo Espírito. Recordo perfeitamente a ajuda, inspiração e revelações pessoais recebidas no cumprimento de meus chamados religiosos e profissionais; mas, quando prestávamos testemunho da veracidade do evangelho a pesquisadores, havia um poder impossível de ser descrito. Vimos homens empenhados em trabalho pesado a vida inteira e que confessadamente nunca oravam a não ser em momentos de perigo, ajoelharem-se para abrir o coração ao carinhoso Pai Celeste. Vimos como sua vida mudou. Embora a semente fosse plantada por nós, a colheita dependia exclusivamente do Senhor. Um homem ainda moço, cuja esposa era membro da Igreja, concordou em ouvir as palestras e aceitou as primeiras com evidente prazer. Mas, de repente, antes de nossa visita seguinte, o mundo prevaleceu e ele mandou-nos dizer que não fossemos vê-lo mais.

Oramos e soubemos que

deveríamos voltar, mas não imediatamente. Continuamos pedindo orientação ao Senhor; passadas três semanas, o Espírito nos confirmou que deveríamos visitá-lo na quarta-feira seguinte. Voltamos a orar, indagando a hora apropriada; o Espírito tornou a manifestar-se. Sabíamos que não deveríamos ir pela manhã. À tarde oramos novamente, e a resposta foi um urgente: "AGORA."

Saímos imediatamente, mas, a caminho, paramos para mandar revelar um filme. Quando coloquei o rolo de filme sobre o balcão, o poder do Espírito envolveu-me com força, como que repetindo quase ofendido o "AGORA". Fui impelida a sair da loja e entrar no carro. Três minutos depois, chegamos à porta de nosso amigo. Ele estivera lendo o Livro de Mórmon e pensando em nós. Enquanto conversávamos, ele desejou ouvir-nos.

Simplesmente adoramos o convívio com os esplêndidos élderes e "sisters" de nossa missão. E ficamos emocionados, quando um élder que estava sendo transferido, disse: "Verifiquei se em meu novo distrito havia um casal missionário. Esperava que sim, mas não há." Estava visivelmente desapontado.

Somos gratos pela mensagem do Presidente Kimball e o impacto que teve em nós. Missão para casais? Certamente! Como é? Repleta de maravilhosas surpresas. □

A Lâmpada do Senhor

Élder Boyd K. Packer
do Quorum dos Doze

Não aprendemos as coisas espirituais da mesma forma que aprendemos outras coisas que sabemos, embora se possam usar auxílios como ler, escutar e ponderar. Aprendi que ensinar e aprender coisas espirituais requer uma atitude especial. Existem certas coisas que sabemos ou podemos vir a saber, que são bastante difíceis de explicar a outros. Estou convencido de que assim deve ser.

Qual É o Paladar do Sal?

Antes de ser chamado como autoridade geral, tive uma experiência que me afetou profundamente. Estava sentado no avião, ao lado de um ateu confesso que tanto insistiu em sua descrença, que lhe prestei meu testemunho.

— O senhor está enganado, — disse-lhe. — Deus existe. E *sei* que ele vive! — ao que ele protestou:

— O senhor não *sabe*. Ninguém *sabe!* Simplesmente não pode sabê-lo!

Como não recuei, o ateu, que era advogado, fez-me a pergunta provavelmente mais difícil na questão do testemunho.

— Muito bem, — falou de maneira sarcástica, condescendente.

— O senhor afirma que sabe. Diga-me *como* o sabe.

Quando tentei responder, apesar de todos os meus estudos, não soube como.

Às vezes, vocês, jovens missionários ficam embaraçados quando pessoas cínicas, céticas os tratam com desprezo, por não terem respostas prontas para tudo. Diante de tal ridículo, alguns se afastam envergonhados. (Lembram-se da barra de ferro, do edifício espaçoso e dos zombadores? [Ver 1 Néfi 8:28].)

Quando usei os termos *Espírito* e *testemunho*, o ateu retrucou: "Não sei do que está falando." As palavras *oração, discernimento* e *fé* também não lhes significam nada. "Como vê", comentou, "o senhor não sabe. Se soubesse, seria capaz de explicar-me *como o sabe*."

Achei que provavelmente fora insensato prestar-lhe testemunho e fiquei sem saber o que fazer. Então tive a experiência! Lembrei-me de uma coisa. E quero mencionar aqui uma declaração do Profeta Joseph Smith: "Uma pessoa poderá beneficiar-se, se percebe o primeiro embate do Espírito de revelação. Por exemplo, quando sentis que a inteligência pura flui para vós, isto poderá repentinamente, despertar uma corrente de idéias... e assim, por conhecer e aceitar o Espírito de Deus, podereis crescer no princípio da revelação, até que chegueis a ser perfeitos em Cristo Jesus." (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith,* pp. 146-47.)

Ocorreu-me uma dessas idéias e disse ao ateu:

— Gostaria de saber se o senhor conhece o gosto do sal.

— Lógico que conheço, — foi sua resposta.

— Quando foi a última vez que provou sal?

— Há pouco, no jantar.

— Então o senhor pensa saber qual é o gosto do sal?

Ele confirmou: — Sei qual é o gosto do sal, tão bem quanto é possível saber-se alguma coisa.

— Se eu lhe desse um pouco de sal e um pouco de açúcar para provar, saberia diferenciar o sal do açúcar?

— Agora o senhor está ficando infantil, — rebateu. — Lógico que saberia a diferença. Conheço o gosto do sal. É uma experiência cotidiana... uma coisa que sei com certeza.

— Então, — respondi, — explique-me o gosto do sal como se eu o desconhecesse.

Depois de refletir um pouco, começou gaguejando: — Bem, não é... doce e... nem azedo.

— Até agora está-me dizendo o que não é, e não o que é.

Depois de diversas tentativas, obviamente foi obrigado a desistir. Não foi capaz de transmitir só com palavras, uma coisa tão corriqueira como o paladar do sal. Então voltei a prestar-lhe testemunho:

— Sei que Deus existe. O senhor ridicularizou este testemunho, dizendo que, se eu *realmente* soubesse, seria capaz de explicar-lhe *como* o sei. Meu amigo, falando espiritualmente, eu provei do sal. Não posso dizer-lhe com palavras como adquiri esse conhecimento, assim como o senhor não consegue dizer-me o gosto do sal. Afirmo mais uma vez, Deus existe! Ele vive! E não tente convencer-me de que eu não sei, só porque o senhor não sabe, pois eu sei!

Na despedida, ouvi-o murmurar: "Não preciso de sua religião como muleta! Não preciso dela."

A partir daí, nunca mais fiquei embaraçado ou envergonhado de não conseguir explicar apenas com palavras o que sei espiritualmente. O apóstolo Paulo o colocou assim:

"... falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina, comparando as coisas espirituais com as espirituais.

"Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de

"Haveis visto um anjo, que vos falou... porém, havíeis perdido a sensibilidade, de modo que não pudestes perceber suas palavras."

Pintura de Arnold Friberg

Deus, porque lhe parecem loucura; e não podem entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente,"
(I Cor. 2:13-14.)

Não Só com Palavras

Não podemos transmitir conhecimento espiritual só com palavras, mas sim mostrar aos outros com palavras como preparar-se para receber o Espírito. O próprio Espírito há de ajudar. "Quando um homem fala pelo poder do Espírito Santo, esse poder leva suas palavras aos corações dos filhos dos homens."
(2 Néfi 33:1.)

Então, tendo uma comunicação espiritual, podemos dizer a nós mesmos, é isso! É isto que se quer dizer com as palavras na revelação. Depois, se cuidadosamente escolhidas, as palavras servem para ensinar coisas espirituais.

Não dispomos de palavras (nem mesmo as escrituras as têm) para descrever perfeitamente o Espírito. As escrituras costumam utilizar a palavra *voz*, que não se aplica precisamente. Essas comunicações espirituais delicadas, puras não as vemos com os olhos, nem ouvimos com os ouvidos. E apesar de serem descritas como uma voz, é uma voz mais sentida que ouvida.

Depois de compreender isso, certo versículo do Livro de Mórmon assumiu um sentido profundo para mim, e meu testemunho desse livro aumentou consideravelmente. Quando Lamã e Lemuel se rebelaram, Néfi os repreendeu, dizendo: "Haveis visto um anjo, que vos falou; sim, haveis ouvido sua voz de quando em quando; e ele vos falou numa voz mansa e delicada, porém havieis perdido a *sensibilidade*, de modo que não pudestes *perceber* suas palavras." (1 Néfi 17:45; grifo nosso.)

A Voz dos Anjos

Néfi, em seu grande e profundo discurso, explica que os "anjos falam pelo poder do Espírito Santo; falam, pois, as palavras de Cristo. Por isto eu vos disse: Banqueteai-vos com as palavras de Cristo;... pois eis que as palavras de Cristo vos ensinarão todas as coisas que devereis fazer." (2 Néfi 32:3,)

Caso aparecesse um anjo para conversar com vocês, nem vocês nem ele estariam obrigados a usar os olhos ou ouvidos para se comunicarem. Pois *há* aquele processo espiritual chamado revelação, descrito pelo Profeta Joseph Smith, no qual a inteligência pura *flui* para nossa mente, capacitando-nos a saber o de que precisamos, sem necessidade de que o estudo ou passagem do tempo no-lo revele.

E disse mais o Profeta:

"Todas as coisas, sejam quais forem, que Deus, em sua infinita sabedoria, achou conveniente revelar-nos, enquanto vivemos na mortalidade, a respeito de nossos corpos mortais, são-nos reveladas de maneira abstrata... são reveladas ao nosso espírito precisamente como se não tivéssemos corpo algum; e essas revelações, resgate de nossos espíritos, salvarão nossos corpos."
(*Ensinamentos,* p. 347.)

A Voz Mansa e Delicada

As escrituras descrevem a voz do Espírito como nem "áspera", nem "forte".. Não é uma "voz de trovão, nem de ruído tumultuoso", mas antes "uma voz maviosa, cheia de suavidade, semelhante a um sussurro, que penetrava até o mais profundo da alma" e fazia o coração arder. (3 Néfi 11:3; Helamã 5:30; D&C 85:6-7.) Lembrem-se, Elias descobriu que a voz do Senhor não estava no vento, nem no terremoto, nem no fogo, mas era "uma voz mansa e delicada".
(I Reis 19:12.)

O Espírito não procura chamar nossa atenção, gritando ou

O Espírito não procura chamar nossa atenção, gritando ou sacudindo-nos com mão pesada. Ele sussurra.

sacudindo-nos com mão pesada. Ele sussurra. Afaga-nos com tanta delicadeza, que, se estivermos preocupados, talvez nem cheguemos a percebê-lo. (Não admira que haja sido revelada a Palavra de Sabedoria, pois, como poderia o bêbado ou drogado perceber uma voz assim?)

Vez por outra, ela nos toca com firmeza suficiente para prestarmos atenção. Normalmente, contudo, se não percebemos seu delicado afago, o Espírito se afasta e espera até que o busquemos e atentemos e digamos à nossa própria maneira, como Samuel em outros tempos: "Fala (Senhor), porque o teu servo ouve."
(I Samuel 3:10.)

As Experiências Espirituais São Raras

Aprendi que experiências espirituais fortes e impressivas não são freqüentes. E quando acontecem, é geralmente para nossa própria edificação, instrução ou repreensão. A menos que tenhamos sido chamados pela devida autoridade nesse sentido, não nos colocam em posição de aconselhar ou corrigir os outros.

Não Falar Levianamente das Experiências

Convenci-me também de que não é sábio falar-se continuamente de experiências espirituais inusitadas. Elas devem ser cuidadosamente resguardadas e compartilhadas, só quando o próprio Espírito nos induz a falar delas em benefício de outros. Lembro-me constantemente das palavras de Alma:

"É dado a muitos conhecer os mistérios e Deus; é-lhes, porém, absolutamente proibido divulgá-los, a não ser a parte de sua palavra que ele concede aos filhos dos homens, de acordo com a obediência e atenção que lhe dispensam." (Alma 12:9.)

Ouvi certa vez o Presidente Marion G. Romney recomendar a presidentes de missão e suas esposas: "Não conto tudo o que sei; nem nunca contei tudo o que sei a minha mulher, pois descobri que, se falasse levianamente das coisas sagradas, o Senhor não mais confiaria em mim."

Devemos, acredito, guardar essas coisas e ponderá-las no coração, como, segundo Lucas, Maria fez com os acontecimentos divinos em torno do nascimento de Jesus.
(Ver Lucas 2:19.)

As Coisas Espirituais Não Se Deixam Forçar

Há mais uma coisa que precisamos aprender. Nenhum testemunho nos é imposto, ele cresce pouco a pouco. Nós crescemos no testemunho exatamente como crescemos em estatura física; e mal percebemos o que acontece, porque se dá pouco a pouco.

Não é sábio exigir respostas ou bênçãos imediatas, ao nosso bel-prazer. Não podemos forçar as coisas espirituais. Palavras como compelir, coagir, constranger, pressionar, exigir não descrevem nossos privilégios para com o Espírito. Assim como não se pode forçar uma semente a brotar ou um ovo a chocar antes do tempo, também não podemos forçar uma resposta do Espírito. Podemos, sim, criar um clima propício à germinação, crescimento e proteção; mas não

podemos forçar ou compelir — somos obrigados a aguardar que cresça.

Não sejam impacientes na aquisição de grande conhecimento espiritual, deixem que cresça, ajudem-no a crescer, mas não forcem, pois, senão, podem correr o perigo de ser enganados.

Utilizar Todos os Nossos Recursos

Espera-se que utilizemos a luz e conhecimento que já temos para governar nossa vida. Não devemos precisar de uma revelação para nos ensinar a cumprir nosso dever, pois isto já nos foi explicado nas escrituras; tampouco devemos esperar revelações em substituição à inteligência espiritual ou temporal que já recebemos — apenas para expandi-la. Precisamos governar nossa vida de maneira prática, comum, seguindo as rotinas, regras e regulamentos aplicáveis. Regras, regulamentos e mandamentos são uma valiosa proteção. Caso necessitemos de instrução revelada para uma eventual alteração de curso, ela nos será dada na hora oportuna. A recomendação de nos "ocupar zelosamente" é, sem dúvida, um sábio conselho. (Ver D&C 58:27.)

Natanael ou Tomé?

A espiritualidade das pessoas difere imensamente. Quando Filipe contou a Natanael haver encontrado "aquele de quem Moisés... e os profetas (escreveram): Jesus de Nazaré, filho de José", a resposta foi: "Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?"

Filipe disse: "Vem, e vê." Ele foi e viu. O que não deve ter sentido Natanael! Pois, sem mais objeções, exclamou: "Rabi, tu és o Filho de Deus."

O Senhor o bendisse por sua fé, dizendo: "Na verdade, na verdade vos digo que daqui em diante vereis o céu aberto, e os anjos de Deus subirem e descerem sobre o Filho do homem." (João 1:45-51.)

O caso de Tomé foi diferente; o testemunho conjunto de dez apóstolos não bastou para convencê-lo de que Jesus ressuscitara; queria uma prova concreta. "Se eu não vir o sinal dos cravos em suas mãos e não meter o dedo no lugar dos cravos e não meter minha mão no seu lado, de maneira nenhuma o crerei." (João 20:25.)

Passados oito dias, o Senhor apareceu: "Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; e chega a tua mão, e mete-a no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente." *Depois* de ver e sentir pessoalmente, Tomé respondeu: "Senhor meu, e Deus meu!"

Então o Senhor lhe ensinou uma profunda lição. "Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que *não viram* e creram." (João 20:25-29, grifo nosso.)

Tomé duvidou; bem ao contrário de Natanael, do qual o Senhor diz: "em quem não há dolo." (Ver João 1:47.) Com Tomé, era "ver para crer"; com Natanael foi o contrário — crer para depois ver "o céu aberto e os anjos de Deus subirem e descerem sobre o Filho do homem". (João 1:51.)

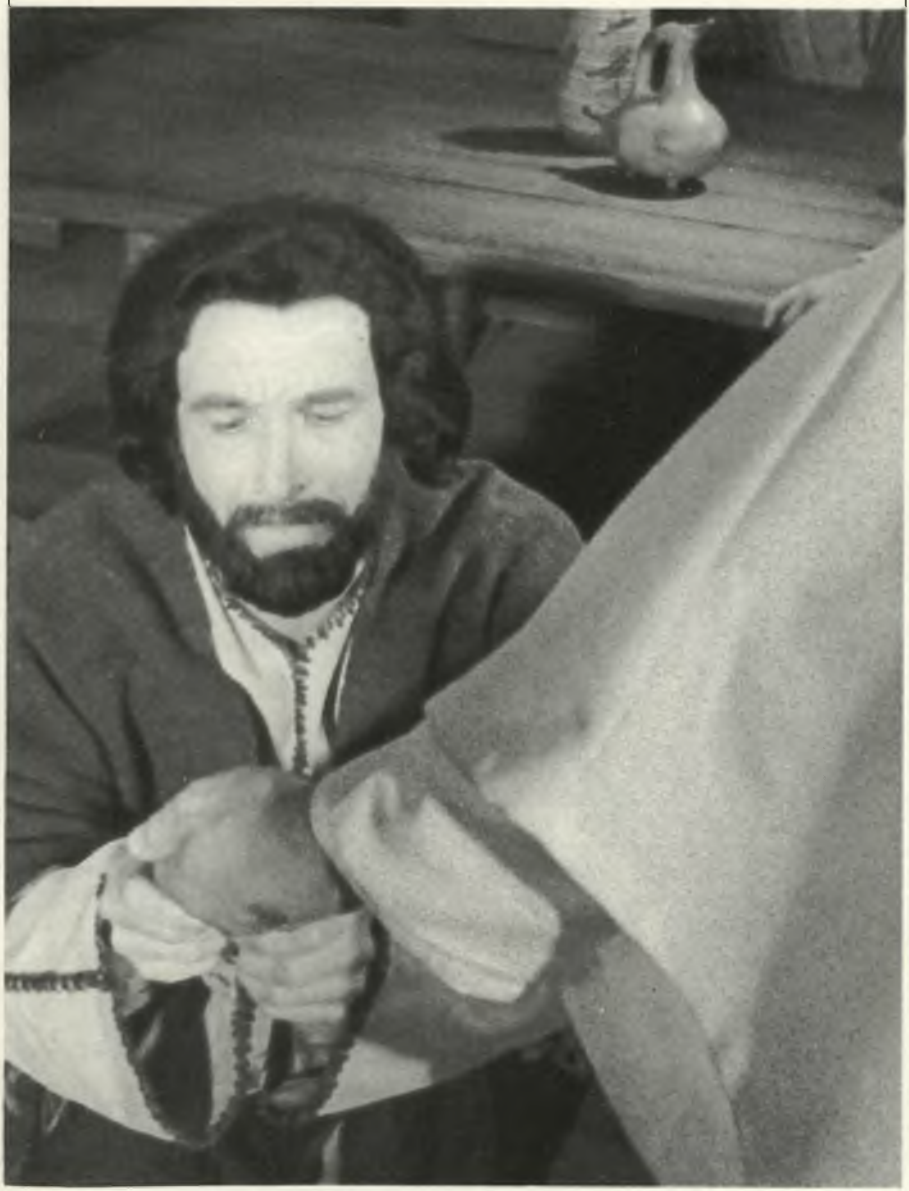
Mais Poderoso do que Pensam

Bem, não fiquem constrangidos ou envergonhados por não saberem tudo. Diz Néfi: "Sei que ele ama seus filhos; não conheço, no entanto, o significado de todas as coisas." (1 Néfi 11:17.)

Pode haver mais poder em seu testemunho do que pensam. O Senhor disse aos nefitas:

"Todo aquele que a mim vier com coração quebrantado e espírito contrito, eu o batizarei com fogo e com o Espírito Santo, da mesma forma com que os lamanitas, em virtude de sua fé em mim, na época de sua conversão, foram batizados com fogo e com o Espírito Santo, *sem que o soubessem.*" (3 Néfi 9:20; grifo nosso.)

"Põe aqui teu dedo e vê as minhas mãos; e chega a tua mão, e mete-a no meu lado."



Estejam sempre em guarda, a fim de não serem enganados pela inspiração de origem imprópria. Vocês podem receber mensagens espirituais falsas.

Faz alguns anos, encontrei-me com um de nossos filhos num distante campo missionário, onde estava havia um ano. Sua primeira pergunta foi: "Pai, como posso crescer espiritualmente? Tenho tentado tanto, mas parece que não fiz nenhum progresso."

Era o que ele pensava; eu o via diferente. Mal conseguia acreditar que, num único ano, conseguira tanta maturidade e progresso espiritual. Ele não o percebera, pois viera pouco a pouco, não como uma assombrosa experiência espiritual.

Por Onde Começar

Não é raro ouvir um missionário dizer: "Como posso prestar testemunho, não o tendo? Como testificar que Deus vive, que Jesus é o Cristo e que o evangelho é verdadeiro? Se não tenho esse testemunho, não seria desonesto?"

Quisera poder ensinar-lhes este único princípio. O testemunho é *encontrado* quando se *presta*! Nalgum ponto de sua busca de conhecimento espiritual, acontece um "salto de fé", como o chamam os filósofos. É o momento em que chegam ao fim da luz e dão um salto no escuro, descobrindo então que o caminho à frente está iluminado apenas o suficiente para um ou dois passos. "A alma do homem", dizem as escrituras, "é a lâmpada do Senhor." (Prov. 20:27.)

Uma coisa é receber um testemunho pelo que leram ou ouviram alguém dizer; e isto é necessário para começar. Sentir o Espírito confirmar em seu peito que aquilo que testificaram é verdade, é coisa bem diferente. Percebem que isto acontecerá à medida que o compartilham? Dando o que possuem, recebê-lo-ão de volta, com reforço!

Éter, o profeta, "profetizou ao povo grandes e maravilhosas coisas, nas quais, entretanto, o povo não acreditou, porquanto não as via.

"E, agora, eu, Morôni,... quisera mostrar ao mundo que a fé são coisas que se esperam, mas não se vêem; portanto, não disputeis sobre as coisas que não virdes, porque não recebereis testemunho senão depois da prova de vossa fé." (Éter 12:5-6.) Testificar é a prova de sua fé.

Ele Os Amparará

Se falarem com humildade e sincera intenção, o Senhor não os abandonará à própria sorte. É o que as escrituras prometem. Considerem esta:

"Portanto, na verdade vos digo, erguei as vossas vozes a este povo; falai os pensamentos que eu *puser* em vossos corações, e não *sereis* confundidos (notem o tempo futuro) perante os homens;

"Pois naquela mesma hora, sim, naquele mesmo instante, ser-vos-á dado (novamente o futuro) o que falar.

"Mas um mandamento vos dou, tudo o que declarardes em meu nome, que o façais com seriedade de coração, com mansidão de espírito, em todas as coisas.

"E vos prometo que, se fizerdes isto, o Espírito Santo se derramará para testificar de todas as coisas que disserdes." (D&C 100:5-8.)

Os céticos poderão dizer que prestar testemunho sem saber que se tem um, é condicionar-se a si próprio;

porém, é um argumento forjado. Uma coisa é certa, os céticos nunca saberão, pois não preenchem os requisitos de fé, humildade e obediência que os qualificariam para a visitação do Espírito.

Percebem que é justamente assim que o testemunho é oculto, protegido perfeitamente do insincero, do intelectual, do mero curioso, arrogante, do descrente, do orgulhoso? Eles não o obterão.

Prestem testemunho das coisas que esperam ser verdade, como um ato de fé. É como que uma prova semelhante ao experimento proposto por Alma a seus seguidores. Começamos com a fé — não com o conhecimento perfeito das coisas. Esse sermão, no capítulo trinta e dois de Alma, é uma das maiores mensagens das santas escrituras, pois é endereçado ao principiante, ao novato, ao humilde pesquisador. E contém a chave para o testemunho da verdade.

Vocês obterão o Espírito e testemunho de Cristo principalmente se o compartilharem, e só *assim* o conservarão. Neste processo, reside a *própria essência* do evangelho.

Não é isto uma demonstração perfeita de cristianismo? Não se pode encontrá-lo, conservá-lo, nem ampliá-lo, a menos que se esteja disposto a compartilhá-lo. É distribuindo-o liberalmente que se torna nosso.

O Espírito Pode Afastar-se

Bem, depois de tê-lo obtido, sejam obedientes aos seus influxos. Aprendi com uma amarga experiência como presidente de missão. Além disso, eu era uma autoridade geral. Por diversas vezes o Espírito me movera a desobrigar um de meus conselheiros, a bem da obra. Além de orar a respeito, ponderara que era o que devia fazer. Mas não o fiz. Temia magoar um homem que prestara grandes serviços à Igreja.

O Espírito afastou-se de mim. Não conseguia nenhuma idéia de quem deveria chamar como conselheiro, caso desobrigasse o que tinha. Isso levou diversas semanas. Minhas preces pareciam não ultrapassar as quatro paredes. Tentei várias alternativas na gestão da Obra, sem resultado. Finalmente, fiz o que me recomendara o Espírito. Imediatamente ele voltou a manifestar-se! Que maravilha tê-lo de volta! Vocês sabem como é, pois têm o dom do Espírito Santo.. E o irmão não ficou magoado. Na verdade foi muito abençoado, e logo em seguida a obra começou a progredir.

Podemos Ser Enganados

Estejam sempre em guarda, a fim de não serem enganados pela inspiração de origem imprópria. Vocês podem receber mensagens espirituais falsas. Existem espíritos falsos, exatamente como há falsos anjos. (Ver Morôni 7:17.) Tenham cuidado para não se deixarem enganar, pois o demônio pode aparecer disfarçado em anjo de luz.

A nossa parte espiritual e parte emocional são tão intimamente ligadas, que é possível interpretar um impulso emotivo como algo espiritual. Ocasionalmente, encontramos pessoas que recebem o que julgam ser influxos espirituais de Deus, quando tais influxos são meras manifestações emotivas ou do adversário.

Evitem como uma praga aqueles que dizem que alguma grande experiência espiritual os autoriza a desafiar a autoridade eclesiástica constituída da Igreja. Não se perturbem se não conseguem explicar alguma insinuação dos apóstatas ou todos os desafios de inimigos que atacam a Igreja do Senhor.

A senhora franqueou-lhes a porta, dizendo: "Entrem, rapazes, gostaria de ouvir o que vocês têm a dizer."

Foto de Eldon K. Linscholen

Atualmente estamos enfrentando muitos ataques à Igreja. No devido tempo, seremos capazes de confundir os iníquos e inspirar os honestos de coração.

Somos Capazes de Fazer a Obra do Senhor

Existe grande poder na obra do Senhor, poder espiritual. O membro comum da Igreja, como vocês, tendo recebido, o dom do Espírito Santo na confirmação, é capaz de fazer a obra do Senhor.

Anos atrás, um amigo já falecido contou-me esta experiência. Ele tinha então dezessete anos e era seu primeiro dia de missão. Ele e o companheiro pararam numa casa de campo, a primeira casa na qual batiam como missionários. Uma mulher grisalha apareceu à porta, perguntando o que queriam. Seu companheiro cutucou-o para que falasse. Assustado, com um nó na garganta, finalmente falou a primeira coisa que lhe veio à mente: "O homem é como Deus já foi, e poderá vir a ser como Deus é."

Por mais estranho que pareça, ela interessou-se e perguntou de onde tirara aquilo. Ele disse: "Da Bíblia." Afastou-se por um momento e voltou com a Bíblia. Dizendo-se ministro de uma congregação, entregou-a a ele e mandou: "Aqui está, mostre-me onde."

Pegando a Bíblia pôs-se a folheá-la nervosamente. Finalmente a devolveu, dizendo: "Não consigo encontrar. Nem mesmo estou certo de que esteja aí, e mesmo que estivesse, não conseguiria encontrar o trecho. Sou um pobre rapaz da roça, lá do Vale Cache, em Utah. Não tenho muita instrução. Mas venho de uma família na qual se vive o Evangelho de Jesus Cristo. E o evangelho tem feito tanto por nós, que aceitei o chamado para uma missão de dois anos, às minhas próprias custas, para dizer ao povo o que sinto a respeito dele."

Passado meio século, ainda não conseguia reter as lágrimas, ao contar como a senhora lhes franqueou a porta, dizendo: "Entrem, rapazes, gostaria de ouvir o que vocês têm a dizer."

Há grande poder nesta obra, e o membro comum da Igreja, amparado pelo Espírito é capaz de fazer a obra do Senhor.

Ainda haveria muito mais o que dizer. Poderia falar da oração, jejum, sacerdócio e autoridade, de dignidade — todos elementos essenciais à revelação. Quando bem compreendidos, todos se encaixam perfeitamente. Mas certas coisas a gente precisa aprender pessoalmente e sozinho, ensinado pelo Espírito.

Néfi interrompeu seu grande sermão a respeito do Espírito Santo e dos anjos, dizendo: "E agora... não posso dizer mais; o Espírito encerra minha fala." (2 Néfi 32:7.) Fiz o melhor que pude com minhas palavras. Talvez o Espírito tenha aberto um pouquinho o véu ou lhes confirmado um sagrado princípio da revelação, da comunicação espirutual.

Sei, por experiência sagrada demais para contar, que Deus vive, que Jesus é o Cristo, que o dom do Espírito Santo conferido a nós na confirmação é um dom divino.

O Livro de Mórmon é verdadeiro!

Esta é a Igreja do Senhor! Jesus é o Cristo! Somos presididos por um profeta de Deus! O dia dos milagres não cessou, tampouco as aparições e ministrações dos anjos aos homens! Os dons espirituais estão com a Igreja, destacando-se entre eles o dom do Espírito Santo! □

Ilustração de Butch Krieger

TUDO COMEÇOU

"NO LONGÍNQUO OESTE"

Philippe Benarous

Lembro-me de haver lido, em garoto, um livro sobre a colonização dos Estados Unidos, intitulado "No Longínquo Oeste". Na época, morávamos numa pequena cidade portuária da Normandia, na França. O tal livro descrevia a fá e coragem dos pioneiros mórmons que atravessaram as planícies, transportando seus parcos haveres em carros de mão. Eu já observara nas docas, homens puxando carros de mão cheios de peixe; às vezes eram necessários quatro ou cinco para mover o carro. A partir daí, tive grande admiração pelos colonizadores mórmons.

Seria difícil imaginar que um dia, dois jovens mórmons bateriam à porta de nossa casa. Aconteceu depois de nos mudarmos para o sul da França, enquanto eu cursava o secundário. Eles não lembravam em nada os pioneiros. Tinham cabelos curtos e estavam sempre bem barbeados. Usavam até terno e gravata! Convidaram-me para as aulas de inglês na capela. Meus pais me deram permissão de ir.

Logo descobri que eles mereciam também admiração, não necessariamente por seus dotes físicos, mas por sua força espiritual. De vez em quando, apareciam lá em casa, e apesar de meus pais terem deixado claro, desde o começo de só estarem interessados em visitas "sociais", eu os espremia mais e mais a respeito da Igreja deles, devorando literalmente cada palavra que diziam.

Mamãe era católica e papai, judeu. Eles sempre me incentivaram a viver uma vida de bem, orar a Deus e ter fé nele. Mas aqueles moços pareciam conhecê-lo. Fui colhendo muitas idéias deles de suas conversas com meus pais, passando a entendê-las cada vez melhor. Quando algum de meus amigos ria dos missionários ou criticava a Igreja, eu saía em sua defesa. Acho que, sem me dar conta, já naquela época eu sabia que os missionários falavam a verdade.

Muitas duplas de missionários visitaram nossa casa durante meus anos de curso secundário. Meus pais, entretanto, embora corteses, não se

Dobrando a última esquina a caminho da capela para ver os missionários, uma força tentou impedir-me de prosseguir.

interessavam pela Igreja. E eu me achava jovem demais para ouvir as palestras sozinho. Minha fé era vacilante. Mudamo-nos de Nice para Cannes e acabei perdendo contato com os élderes.

Tempos depois, num período de intensa luta pessoal, voltei a buscar o Senhor em oração, já compreendendo que tinha de confiar nele plenamente. Tive uma sensação cálida, uma confirmação concreta de que havia um Pai Eterno velando por mim, que me conhecia e me amava. Não muito depois dessa experiência, ao levar uma carta ao correio, dei com dois missionários e os abordei: "Vocês são élderes, não?", contando-lhes depois o sentimento maravilhoso que tinha a respeito de meu Pai Celeste. Eles me entenderam perfeitamente. "É o Espírito Santo prestando-lhe testemunho da verdade," comentou um deles.

Aquilo me acertou em cheio. Mesmo que contasse a outros o acontecido, lhes falasse de meus pensamentos e testemunho espirituais, eles não entenderiam. Mas os missionários sabiam exatamente o que eu queria dizer, ponto por ponto. Conversamos bastante.

Logo estaria partindo para o serviço militar. Não obstante, meu desejo de conviver com os missionários e membros aumentava cada vez mais. Assim que aprendia um novo princípio do evangelho, colocava-o em prática. Pouco antes de minha partida, um dos missionários comentou: "Sabe, você vive como um mórmon, mas está procurando tornar-se perfeito antes de entrar na Igreja. Assim está errado. É justamente a Igreja que o ajudará a ser perfeito." Asseguraram-me que eu tinha testemunho, mas eu continuava duvidando.

No exército, tive tempo para deixar meus sentimentos crescerem e se desenvolverem. Havia tempo de sobra para pensar, e refletia profundamente sobre minhas impressões da Igreja. Encontrava-me acantonado com as tropas montanhesas em Briancon, onde não havia nenhum ramo SUD. Mas guardava as coisas que havia aprendido, deixando crescer a semente de fé.

Terminado o serviço militar, enfrentei uma decisão crítica. Meu melhor amigo da Normandia e eu planejávamos havia muito tempo uma viagem pelos Estados Unidos, para o que eu economizara dinheiro. Mas os planos dele foram água abaixo. Então, tive de decidir se desistia também ou iria sozinho. Voltei para a Normandia para pensar caminhando pelas praias.

Qualquer um que ouvisse meus pensamentos naquela época, saberia que eu já tinha testemunho. "Estou-me saindo bem aqui — tenho minha família e amigos, sinto-me seguro e este é o lugar mais lindo do mundo", dizia a mim mesmo. "Mas, se eu não for, posso estar perdendo a oportunidade de aprender mais acerca do evangelho, de realmente obter testemunho dele. Poderia desistir da viagem, do sonho de minha juventude. Mas perder a

oportunidade de conhecer melhor a Igreja do Senhor?"

Nos Estados Unidos tive oportunidade de conhecer de perto muitos membros da Igreja. Finalmente comecei a convencer-me de que possuía um testemunho. Não consigo esquecer a sensação maravilhosa de perceber o Espírito Santo iluminando minha alma, dispersando qualquer dúvida, toda vez que eu me fazia uma pergunta. Achava difícil entender a prática da poligamia. Num ônibus, algures entre o Colorado e Utah, tive um vislumbre, não um vislumbre real, mas um discernimento espiritual dos homens que a haviam praticado. Então compreendi como era possível algo assim puro, vir de Deus. Essa espécie de esclarecimento continuou durante toda minha viagem pelos Estados Unidos.

Visitei algumas ilhas perto de Seattle, Washington. Ali fiquei estudando o Livro de Mórmon por dez dias num pequeno apartamento. Meu testemunho continuava crescendo. Era chegada a hora de voltar para a França; intimamente eu sabia que me iria batizar.

Dias depois de chegar em casa, os missionários pediram-me que os ajudasse a dar uma aula. O pesquisador era um estudante de ciências que estava tendo dificuldade com algumas questões que me apoquentaram ao estudar o mesmo assunto. Expliquei-lhe como eu encontrara resposta para as dúvidas; quando partimos ele pareceu-me satisfeito e feliz.

Passados alguns dias, os missionários telefonaram, contando que ele iria filiar-se à Igreja. "O que você acha disso?" perguntei a mim mesmo. "Sou capaz de ajudar outra pessoa a aceitar o batismo, mas não a mim. Isso foi longe demais." Mesmo conhecendo ter testemunho, jejuei e orei. Fiquei uma noite inteira acordado, implorando ao Senhor que me confirmasse meu testemunho. Finalmente, já de madrugada, invadiu-me uma doce e tranqüila serenidade. Sabia que deveria dizer aos élderes que estava pronto para o batismo.

Dobrando a última esquina a caminho da capela para ver os missionários, uma força tentou impedir-me de prosseguir. Era como que andar contra um vento de cem quilômetros por hora, o que eu já fizera, só que mais forte. Mas era um "vento" espiritual, não físico. Cheguei a pensar em desistir. Sabia que essa força queria semear dúvidas em mim, mas acabei dizendo: "Não, não. Eu sei que Deus existe." Essa verdade tomou conta de minha alma. Sabia que ele enfrentaria essa força por mim.

Cheguei à porta da capela, uma porta como qualquer outra, mas tive de empenhar toda minha força para abri-la. Entrando, encontrei alguns membros e senti seu espírito; então a força oponente se foi, desapareceu. Voltei a usufruir aquela doce paz interior, ainda com mais intensidade, poucos dias depois de ser batizado e confirmado. E continuo sentindo-a até hoje. □

Élder Dean L. Larsen
da presidência do Primeiro Quorum dos Setenta

RASTROS DE URSO

Criei-me em Hyrum, pequena comunidade rural no norte de Utah, assim denominada em homenagem a Hyrum Smith, irmão do profeta Joseph Smith. Naquela época, Hyrum tinha uns mil e quinhentos habitantes. O meio-ambiente rural permitia-nos ter um barracão com cavalos e vacas, além de pasto para os animais, uma grande horta e outras coisas que acompanham a vida no campo. No tocante à alimentação da família éramos praticamente auto-suficientes, uma grande coisa para uma família de nove pessoas tentando sobreviver com o magro salário de papai como mestre-escola. Com um pouco de engenhosidade, conseguíamos arranjar-nos.

Nossa despensa costumava conter carne de veado, que papai e meus irmãos mais velhos conseguiam durante a temporada de caça no outono — geralmente no mês de outubro. A caça aos veados era um importante acontecimento familiar, não só porque a carne abasteceria nossa despensa, mas também por ser uma emocionante aventura. Os homens e rapazes da família, às vezes as meninas também, ficavam acampados nas montanhas por diversos dias. Um acontecimento muito apreciado todos os anos. Mesmo agora, avançado em idade, quando meu entusiasmo pela caça já se foi, recordo com carinho e prazer aqueles dias emocionantes nas montanhas, com minha família respirando o ar revigorante e sabendo a folhas recém-caídas. Era uma parte essencial de nossa vida.

Depois de casar e começar minha própria carreira de professor na Bacia Big Horn, no Wyoming, continuei a tradição de caçar veados todos os anos nas montanhas, durante a temporada de caça. Com a família aumentando, alguma carne de veado e alce para reforçar nosso suprimento de inverno representava uma boa ajuda. A região montanhosa do Wyoming era ainda mais extensa e agreste que as montanhas de Utah, onde passara grande parte de minha juventude. Um lugar maravilhoso para alguém tão amante da vida ao ar livre quanto eu.

Numa dessas temporadas de caça no Wyoming, vivi uma experiência que me ensinou uma importante lição — da qual nunca mais me esqueci. Aconteceu num ano de clima estranho. Mesmo em outubro, já na temporada de caça, o tempo continuava morno e ensolarado, quando normalmente as primeiras neves caíam em fins de setembro, nas montanhas. Os veados e alces não desceram para as paragens mais baixas e acessíveis, dificultando o trabalho dos caçadores.

Finalmente, as neves chegaram com bastante atraso. Um amigo e eu combinamos ir caçar nas Montanhas Big Horn, perto da fronteira entre Montana e Wyoming, como última tentativa de encontrar um alce. Fomos com seu carro de tração nas quatro rodas até um ponto a dois mil e oitocentos metros de altitude, perto das nascentes do Rio Big Horn. Um lençol de quase meio metro de espessura de neve fresca cobria o solo. Iniciamos a caçada ao raiar do dia, decidindo seguir caminhos diferentes até determinado local, onde nos encontraríamos mais tarde.

Cruzando o riacho perto do qual deixáramos o carro, para subir a encosta do lado oposto, encontrei rastros ainda frescos na neve. Pegadas de urso — e dos grandes! Os rastros me surpreenderam, apesar de não serem raros os ursos nas montanhas de Wyoming. Caçá-los

não era proibido. Entretanto, nas Montanhas Big Horn eram raros e aqueles rastros inesperados me sugeriram interessante possibilidade. Eu jamais caçara um urso, nem tivera interesse em fazê-lo. Na verdade, sua carne não teria nenhuma utilidade para mim.

O tal urso não representava perigo imediato para mim ou meu companheiro. Se ainda estivesse por perto e percebesse nossa presença, provavelmente procuraria afastar-se de nós. Ainda assim, ao estudar os rastros e verificar como eram recentes, comecei a visualizar um tapete de pele de urso para nossa casa. Como os rastros seguiam mais ou menos no rumo que eu pretendera seguir, resolvi acompanhá-los.

Uns cem metros mais adiante, cheguei a um ponto em que a neve estava toda revolvida e suja de sangue e pêlos de veado. Dava para ver que o urso matara uma corça naquela manhã. O urso levara a

Foto de Paul Mann

carcaça meio arrastada até um maciço de pinheiros e ciprestes. De fato, ali estava a corça, com a cabeça e a galhada entalada nos galhos de uma árvore caída, abandonada pelo urso. Possivelmente minha chegada influenciara sua decisão.

Continuando a seguir o rastro do urso, subi uma íngreme encosta coberta de arbustos que dificultavam o acesso. Acabei pendurando o rifle aobre o ombro, para poder usar as mãos na dura subida. A cada poucos metros, era obrigado a parar a fim de descansar a recobrar o fôlego.

Durante uma dessas pausas, procurei olhar em volta e avaliar minha situação. Devido à densidade da vegetação arbustiva, estava claro que seria difícil acertar em alguma coisa além de oito ou dez metros. Comecei a imaginar que teria maior vantagem, caso desse com o urso.

Pensando nisso, fui tomado de uma sensação interessante. Senti como que um formigamento na pele e os pêlos da nuca se eriçarem. Tive a forte impressão de estar em grave perigo e que deveria sair dali imediatamente. Foi uma impressão tão intensa, que me pus de pé e desci a encosta para terreno mais aberto, onde me senti mais seguro. Perdera qualquer desejo de continuar perseguindo o tal urso e fui cuidar do negócio planejado por mim e meu amigo, isto é, caçar veados.

Desde aí, venho refletindo sobre essa experiência de tempos em tempos. Vez por outra, tive oportunidades que ofereciam a possibilidade de emoções ou aventura. Sempre que surgia algum perigo ou ameaça a meu bem-estar físico ou espiritual nessas oportunidades, sentia a mesma impressão e os mesmos avisos daquele dia nas montanhas do Wyoming. Nem sempre com a mesma intensidade, mas suficientemente perceptíveis para não poderem ser igonorados. Aprendi que, sempre que encontro "rastros de urso", falando em sentido figurado, devo ficar atento aos avisos de perigo que penetram em nossa consciência. Esses sinais podem poupar-nos muito sofrimento e dificuldades.

Os jovens em vias de se tornarem adultos e seguirem seu caminho no mundo de hoje, provavelmente

toparão com muitos "rastros de urso" tentadores, induzindo-os a se meterem nos maciços das emoções e prazeres mundanos. Essas tentações assumem as mais variadas formas. Talvez algumas pareçam relativamente inócuas e inocentes. São encontradas em quase toda parte — até mesmo no santuário do próprio lar. Podem aparecer na palavra escrita, nos jornais, revistas e livros. Outras assumem forma gráfica com ilustrações ou fotografias. Outras penetram em nossos pensamentos e sensibilidade através da música, ou então recorrendo a toda sofisticação da moderna tecnologia eletrônica audiovisual, incluindo televisão e filmes. Às vezes seguimos "rastros de urso" nas indiscrições cometidas no convívio com os outros, levando à conduta imoral. Muitos já seguiram "rastros de urso" até o mundo horripilante das drogas.

Lembro-me de haver lido, anos atrás, o caso de um homem que foi em busca de caça grossa com um amigo na área agreste de Montana. Os caçadores surpreenderam um urso pardo a pouca distância; um deles atirou e feriu-o. Enraivecido, o animal investiu. Um dos homens, em pânico, tentando desesperadamente salvar-se, subiu numa pequena árvore próxima. Seus galhos, porém, não tinham resistência suficiente para mantê-lo a salvo das poderosas garras e presas da fera. Antes de outro caçador poder abatê-la, o primeiro sofrera ferimentos tão graves, que foi preciso amputar-lhe ambas as pernas.

Aqueles que seguem os "rastros de urso" figurativos que mencionei, devem compreender que inevitavelmente implicam perigo. Alguns desses riscos podem ser fatais para a espiritualidade e fé; outros são capazes de causar danos tão graves à verdadeira felicidade e respeito próprio, que fica difícil recuperar-se. Seguir premeditadamente "rastros de urso" pode ter conseqüências trágicas.

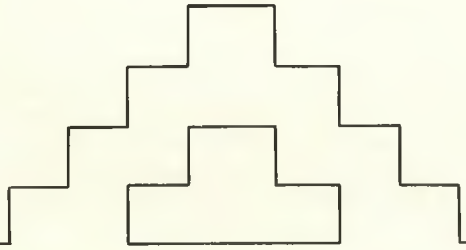
Minha experiência ensinou-me que a melhor maneira de evitar os riscos a que podem conduzir-nos os "rastros de urso" é não os seguir. Reagir de pronto aos avisos de perigo dados pelo Santo Espírito; fugir para terreno seguro, onde temos controle da situação e podemos merecer a proteção e poder preservador que o Pai Celestial prometeu a todos os que lhe obedecessem.

Agindo assim, encontraremos a segurança e paz mental que são mais valiosas que todas as emoções e vibrações que a perseguição de "rastros de urso" pode proporcionar. Além disso, estaremos em condição de continuar palmilhando o caminho para a felicidade eterna, confiantes de nossa elegibilidade para qualquer bênção necessária para nos guardar e proteger das forças que nos procuram ferir e obstruir nosso caminho. □

O DILÚVIO SEGUNDO OS ÍNDIOS ANDINOS

Kirk Magleby

Quase todos os povos da terra têm sua versão do dilúvio mundial. O poema épico babilônio de Gilgamesh (lendário rei babilônio, herói do poema épico composto por volta de 2000 A.C. e que descreve o dilúvio bíblico), e o mito grego de Deucalião e Pirra são dois exemplos. (Filho de Prometeu, Deucalião e Pirra, sua esposa, foram os únicos sobreviventes do grande dilúvio mandado por



Do norte ao sul, os índios americanos vêm transmitindo de geração para geração versões coloridas do antigo dilúvio.

Zeus, para punir a maldade dos homens.) Culturas tão diversas como as de Gales e Índia produziram relatos intrigantemente semelhantes à história bíblica de Noé. (Ver Gênesis 6-8; Moisés 7:38-45; Éter 13:2; Alma 10:22.) Apesar da grande diferença nos pormenores e variações locais, a maioria dessas lendas inclui diversos elementos básicos; (1) A humanidade torna-se malvada e ofende os deuses; (2) um dilúvio mundial destrói os pecadores e purifica a terra; (3) uma família ou grupo de pessoas justas é poupada. para dar início a uma nova e melhor raça humana.

Não surpreende, pois, que os índios americanos hajam preservado a história do dilúvio em suas sagradas tradições orais. Desde o Lago Huron e Colúmbia Britânica, ao norte, até o Lago Titicaca e a Patagônia no sul, os índios americanos vêm transmitindo, de geração para geração, versões coloridas do antigo dilúvio. As histórias mais parecidas com o relato de Gênesis provêm do México e América Central. Entre os mais interessantes e encantadores, contam-se os dos países andinos da América do Sul.

A maior parte dessas antigas lendas indígenas do dilúvio, foram preservadas nos escritos dos primeiros sacerdotes católicos e exploradores que visitaram a região e resgistraram algumas lendas antigas. Eles não perderam tempo em apontar o que consideravam erros e equívocos inspirados pelo demônio nessas histórias; não obstante, a maioria concordaria com Antônio de la Calancha com respeito aos incas e outros:

Eles conheciam a história da arca e do dilúvio transmitida pelos quipos, que eram seu sistema de registro, e pelos cantos e festejos que conservam em suas tradições.''

Um escritor chamado Fernando de Montesinos, que viveu quinze anos no Peru e cruzou os Andes não menos que sessenta vezes, chegou a calcular a data do dilúvio de que falam os incas. Segundo Montesinos, diziam que ocorreu trezentos e quarenta anos antes da conclusão do segundo sol, ou milênio depois da criação. Isto seria mil e seiscentos e sessenta anos após a criação ou, igualmente de acordo com a cronologia inca, cerca de 2340 A.C.

Os índios andinos tinham nomes próprios para o dilúvio. Um profundo conhecedor do idioma quíchua afirmou, em 1608, que lhe davam o nome de ''Llocllay Pachacuti'', isto é, ''inundação universal''. Outro escritor, mestiço de índio, escreveu em fins do século XVI:

''Eles não se lembram de que são da descendência de Noé, embora preservem memória do dilúvio, pois o chamam de Yaco Pachacuti e dizem que foi um castigo de Deus.''

Pedro Sarmiento de Gamboa, o soldado historiador, registra outra variação do nome, em 1572:

''E acima de tudo, o deus deles mandou um dilúvio que chamam de Uno Pachacuti, que quer dizer 'água que transformou a terra'. E dizem

Os incas acreditavam que houve um dilúvio, muito antes de eles existirem, e que acontecera por decreto divino.

que choveu durante sessenta dias e sessenta noites, e que todas as coisas viventes pereceram."

Uma das versões do dilúvio é-nos contada pelo respeitado cronista Pedro de Cieza de Leon, que passou muitos anos viajando pela região andina, familiarizando-se com os idiomas e costumes nativos. Seus livros estão entre os melhores de que dispomos, um testemunho ocular do império inca. Em 1550, resumindo a crença generalizada num remoto dilúvio entre as tribos indígenas que visitara, diz Cieza:

"Essas tribos dizem que, em outros tempos, muitos anos antes de existirem incas, a terra era intensamente povoada; então sobreveio tamanho temporal e inundação que o oceano transbordou de seu leito natural e encheu de água a terra, de tal maneira que todos os homens morreram, pois as águas subiram a ponto de cobrir os mais elevados picos de todas as montanhas... Outros povos das montanhas e mesmo das terras baixas dizem que ninguém escapou ao afogamento, exceto seis pessoas que fugiram numa pequena canoa ou barca, dando origem a todos os homens que viveram e existem desde aí... Não duvides disso, leitor, pois todos os povos o afirmam e falam a respeito do que eu escrevi."

Outro relato semelhante ao de Ciezo é de autoria de Cristobal de Molina, de Cuzco, e foi escrito em 1572. Diz ele que os incas *"tinham grande conhecimento do dilúvio e diziam que todas as pessoas e coisas criadas haviam perecido nele, pois as águas subiram acima dos mais altos picos do mundo; e que nada permaneceu vivo, exceto um homem e uma mulher, salvos numa caixa de tambor."*

Outro a fazer referência ao dilúvio foi um padre católico chamado Avendano. Procurando ensinar a fé cristã aos índios, era obrigado a mencionar suas antigas crenças e costumes. Em um de seus sermões, ele conta:

"Como os Incas não dispunham de livros, não podiam saber dessas coisas. Seus historiadores dizem que as coisas passadas registradas tradicionalmente em seus quipos, só remontavam a quatrocentos ou quinhentos anos; antes disso, diziam, era o Purunpacha, isto é, o tempo de que não há memória. Lembram-se apenas do dilúvio, quando Deus submergiu o mundo em água, e todos afirmam que foi por causa dos pecados da humanidade... Os índios admitem que houve um dilúvio e chamam-no de Llocclai pachacuti."

Dois pormenores são às vezes mencionados que parecem característicos das lendas andinas sobre o dilúvio. Surgem nas histórias dessa região e poucos outros lugares — os picos flutuantes de montanhas e os animais que avisam os donos sobre o desastre iminente. Ambos aparecem numa passagem do autor Bernabre Cobo:

"Os índios da província de Ancasmarca, distrito de Cuzco, contavam esta lenda: Dizem que, quando estava para acontecer o

dilúvio, os lhamas, que são criados como carneiros nessa região, mostraram-se durante um mês tão tristes, que não comiam, e à noite, só ficavam olhando as estrelas, até que um pastor lhes perguntou o que tinham. Eles responderam, mandando-o olhar certa constelação, cujos astros conspiravam e combinavam a destruição da terra pelo dilúvio. Ouvindo isto, o pastor contou o fato a seus seis filhos e filhas, e eles decidiram juntar o máximo possível de alimentos e gado. Depois, levando suas provisões, subiram a um alto monte chamado Ancasmarca. Dizem eles que quando as águas subiram e inundaram a terra, o pico do monte flutuou de modo que não fosse coberto pelas águas. E depois que as águas baixaram e se juntaram novamente, o pico baixou até pousar de novo no seu antigo lugar. Esses filhos do pastor que sobreviveram ao dilúvio, haviam repovoado a província."

O segundo pormenor aparece também nesta historieta do cronista Francisco Davila, de 1598:

"Dizem que, quando nos tempos antigos o mundo estava para ser destruído, aconteceu assim: Quando um índio prendeu seu lhama num bom pasto... este falou dizendo-lhe: 'Louco, o que você sabe ou está pensando? Saiba que estou preocupado e com muita razão. Em menos de cinco dias o mar vai subir e irromper até cobrir a terra inteira... você precisa refugiar-se no alto do monte Vilcacoto.*' Carregando seus pertences nas costas e levando o lhama preso a uma trela, o índio chegou ao topo do monte indicado, onde encontrou os mais diversos animais e pássaros amontados... As águas subiram até cobrirem tudo, menos o topo do Vilcacoto... Finalmente as águas subiram tanto, que quase atingiram alguns dos animais assustados. A raposa, por exemplo, ficou tão rente à água, que molhou o rabo nas ondas; é por isso que tem a ponta do rabo preta. Ao fim de cinco dias, as águas começaram a ceder e o mar voltou a seu antigo lugar, ficando mesmo mais baixo que antes, e assim a terra inteira ficou livre de gente, menos o mencionado índio."*

Algumas lendas indígenas do dilúvio fazem referência ao arco-íris como símbolo de que entre Deus e o homem nunca mais haverá na terra um dilúvio universal. Pelo menos duas referências a essa tradição encontram-se nos escritos espanhóis. A que segue, escrita por Cabello Balboa, em 1586, descreve como os irmãos Ayar saíram à procura da cidade de Cuzco:

"Chegaram a um monte chamado hoje Guanacauria, e um dia, ao amanhecer, viram o arco, ou arco-íris dos céus, chegando aos pés do referido monte. E Manco Capaca disse aos restantes que era um bom sinal, um sinal de que o mundo nunca mais seria destruído pela água, e que deviam segui-lo e subir a montanha, e de lá veriam o local onde deveriam estabelecer-se."

Versão semelhante, datada de

1572, encontramos na obra de Molina:

"Os irmãos Ayar subiram ao topo do monte e de lá viram o arco-íris dos céus, que os nativos chamam de Guanacauria, e Manco Capaco lhes disse: 'Tenham isto por sinal de que o mundo nunca mais será destruído pela água.'"

Pelo que um autor espanhol sugere que os incas entendiam que, futuramente, aconteceria outra destruição semelhante à do dilúvio. Este trecho foi escrito primeiramente em 1653:

"As outras fábulas que contam a respeito desse assunto começam pela origem do homem com o dilúvio, do qual todos esses índios têm muito conhecimento; e mesmo não sabendo nada além de que foi pela vontade de Viracocha, estavam convencidos de que, exatamente como o mundo fora destruído pelo dilúvio, isto voltaria a acontecer por um dos três meios — fome, peste ou fogo."

Interessante é notar tudo o que os índios andinos sabiam acerca do dilúvio. Ainda que as informações sejam incompletas, e os autores espanhóis que registraram as lendas se refiram a diferentes grupos tribais, quando reunidas, suas tradições apresentam um quadro bastante impressivo da memória indígena. Os incas e outras tribos da região acreditavam que houve um dilúvio, muito antes de eles existirem, e que acontecera por decreto divino, provocado pela inqüidade dos homens. Sabiam que somente um homem, ou uma família, se salvara, bem como associavam ao dilúvio a salvação de muitos animais. Essa salvação se dera, segundo eles, num barco ou então no cume de uma alta montanha, às vezes um cume flutuante. Faziam alguma idéia de que o dilúvio foi um antigo símbolo de outra destruição, ainda por acontecer, por meio de fogo ou peste. Finalmente, associavam o arco-íris à promessa de que a terra nunca mais seria destruída por um dilúvio. Os índios andinos, é lógico, não dispunham de nenhum sistema de escrita em sua cultura, por isso suas tradições foram transmitidas praticamente só por via oral, de pai para filho, e assim sofreram distorções com o passar do tempo. Entretanto, acho válido concluir como Vasquez de Espinosa que, escrevendo em 1630, observa:

"Assim, como os índios chegaram a estas terras pouco tempo após o dilúvio, tinham tão boa memória dele que a foram passando, por tradição, de um para o outro até a época presente: porque os índios tinham lembrança e conhecimento dele por tradição de seus antepassados, ainda que, com o passar do tempo e falta de escrita, hajam misturado a verdade com algumas mentiras e superstições que confundiram a luz da verdade, embora tivessem algumas centelhas e indicação dela." □

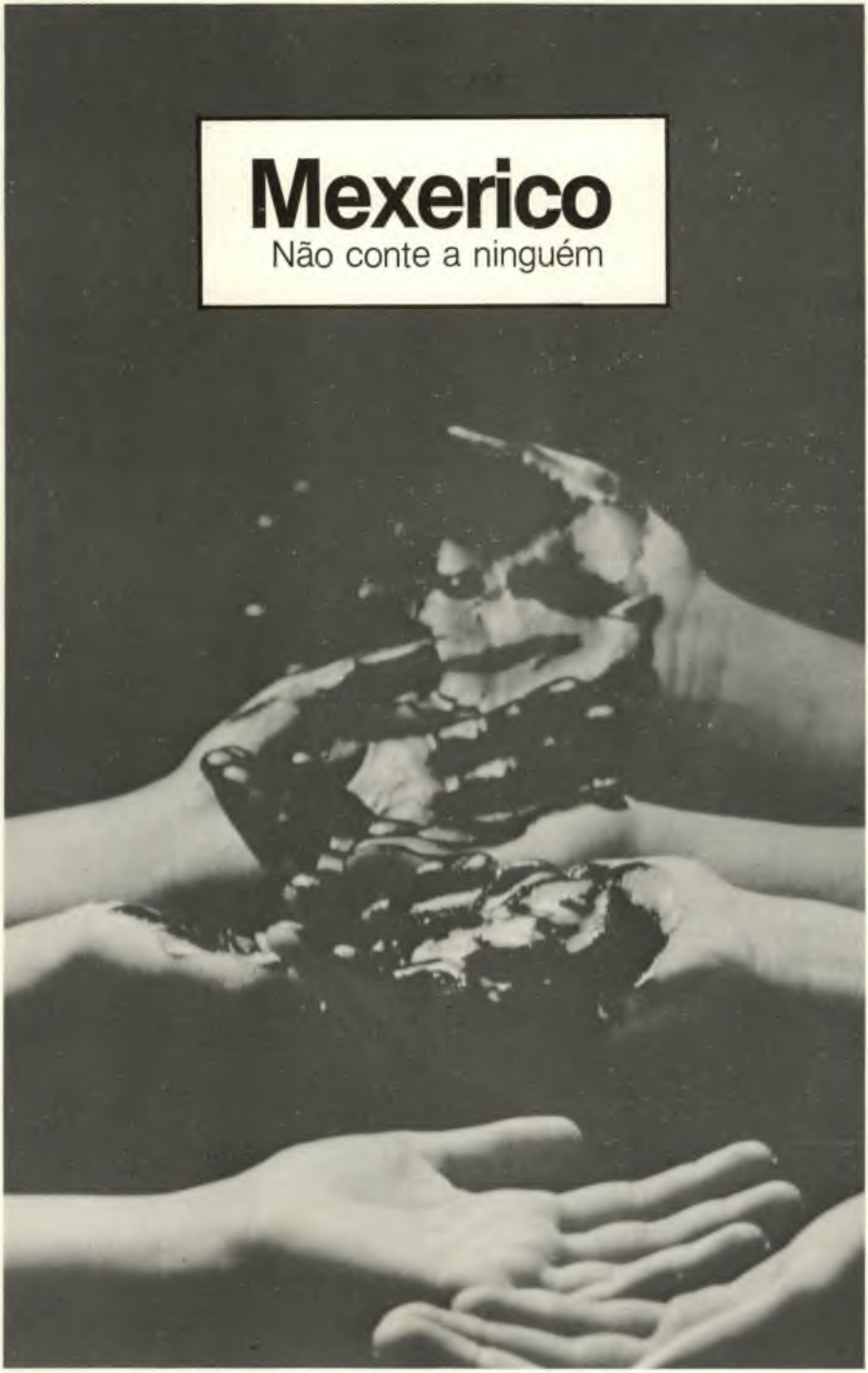


Foto de Jed Clark